

COLEÇÃO VERTENTES

Darcy França Denófrío

# ÍNVIO LADO



  
Editora  
UFG

IDENTIDADE-MULHER E  
POETICIDADE EM *INVIO LADO*

Darcy França Denófrío já publicou obras didáticas, antologia, livros de crítica e de poesia. Este livro é a continuação de um projeto poético que a autora vem desenvolvendo desde o começo dos anos oitenta. *Ínvio lado* supõe um "inviolado" em que "in" aponta para o segredo, a interioridade, o mistério bem guardado dos seres poetizados pela enunciação de todos os poemas desta coletânea. Almeja-se aqui uma pureza intacta, subtraída às indiscrições e às investidas de qualquer "fora". Este "fora", iconizado pela barra potencial de separação do hífen, simboliza simultaneamente o interdito e a fronteira. Enquanto fronteira, a barra/linha é, ambivalentemente, ponto de contato possível, portanto presença virtual/real de alteridade violadora (-violado). Basta imaginar, neste papel do *alter*, o patriarcalismo, o machismo, o Santo Ofício, todas as forças de dominação e de negação que se exercitaram, através da História, sobre a mulher, materializada poeticamente pelos morfemas /mar/ e suas traduções míticas (mãe, fonte de vida, genetrix), e seus correlatos /amor/ /amar/. Neles, as ressonâncias de *Amaro mar*, obra poética com que a autora ganhou o prêmio nacional do INL-87. Acontece que, no *Ínvio lado* (in-violado), a barra virtual de separação autoriza a inversão, a mudança de lado. O amor pode converter-se em des-amor. O viol (do violado) não corrói somente o mistério da in-terioridade, da in-tegriedade, mas paralisa o *Vôo cego* (outro título da autora), o vôo frustrado daquele lado, com sua pretensão prometéica ou icariana.

*Ínvio lado* tem caráter de máquina de guerra: ele reivindica, protesta em prol do a-mor [a negativa da mor(te)], da fé, da fraternidade, da amizade, do

Darcy França Denófrío

ÍNVIO LADO



  
Editora  
UFG

FONE (0xx62) 821-1107  
FAX (0xx62) 205-1015  
CAMPUS SAMAMBAIA  
CAIXA POSTAL 131  
E-mail [cegraf@cegraf.ufg.br](mailto:cegraf@cegraf.ufg.br)  
GOIÂNIA-GO 74001-970

## ÍN VIO LADO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Milca Severino Pereira

■ *Reitora*

Paulo Alcanfor Ximenes

■ *Vice-Reitor*



Nei Clara de Lima

■ *Diretora Geral*

Adalberto José Batista, Alejandro Luquetti Ostermayer, Arlene Carvalho de Assis Clímaco, João Batista de Souza, Joel Pimentel de Ulhõa, Maria Luíza Ferreira Laboissière de Carvalho, Wilson Botter Júnior, Wolney Alfredo Arruda Unes

■ *Conselho Editorial*

COLEÇÃO VERTENTES

Darcy França Denófrío

# ÍNVIO LADO

  
Editora  
UFG

GOIÂNIA  
2000

© 2000 by Darcy França Denófrío

Direitos reservados para esta edição:

EDITORA DA UFG

Campus Samambaia, Caixa Postal 131  
Fone: (0xx62) 821-1107 - Fax: (0xx62) 205-1015  
E-mail: [cegraf@cegraf.ufg.br](mailto:cegraf@cegraf.ufg.br)  
Home page: <http://www.cegraf.ufg.br>  
CEP: 74001-970 - Goiânia - Goiás - Brasil

Proibida a reprodução total ou parcial (sanções previstas  
na Lei 9.610 de 20 de junho de 1998).

Projeto gráfico e capa: Soraia Kalil Guimarães  
Ilustração da capa: Flor de lótus. Seu denso simbolismo inclui a idéia do amor  
verdadeiro, da união perfeita, da completa  
integração dos elementos antagônicos: masculino e feminino.  
Arte-final da capa e editoração eletrônica: Imidio Alves Vilela  
Revisão de provas: Maria José Soares

---

D413 Denófrío, Darcy França  
Ínvio lado / Darcy França Denófrío. – Goiânia : Ed. da UFG,  
2000.  
175p.; 20 cm. – (Coleção Vertentes)

ISBN 85-7274-156-9

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Título. II. Série.

CDD 809-1

---

Editora Associada à



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



## OS CARINHOS DO OUTRO LADO

Facino é crítica literária com repercussão pública. Gary Pezaja Ovelho publica seu trabalho tanto de poesia, tanto de crítica, selecionada para o *Clube de Mulheres*, uma das listas de leitura da Editora da UFRJ. Em Gary, crítica e poesia não são uma *hand-picked*, e tanto quanto sua contemporânea paulista de linguagem, a crítica, sem deixar de ser crítica, não recusa a respeitar o *trabalho* e a poesia, e o fato de sua linguagem não ser a poética, é que revela uma consciência da poesia e da crítica em busca de atingir o mesmo. Enquanto de João Paulo Passos, a linguagem de Gary não se trata de uma linguagem, e sim de uma linguagem que se trata de uma linguagem de poesia, e não de poesia que se trata de uma linguagem. Enquanto, enquanto que João Paulo, não sabe que vem a poesia, João Paulo, há uma transformação substancial de sua obra que representa uma já colocada no primeiro plano, mas que não abandona contudo, não se trata de uma obra que se trata de uma obra que se trata de uma obra.

Em João Paulo, a linguagem crítica de João Paulo, enquanto que João Paulo, não sabe que vem a poesia, João Paulo, há uma transformação substancial de sua obra que representa uma já colocada no primeiro plano, mas que não abandona contudo, não se trata de uma obra que se trata de uma obra que se trata de uma obra.

Para Scila,  
mulher solidária.



## OS CAMINHOS DO *ÍNVIO LADO*

Poetisa e crítica literária com expressiva produção, Darcy França Denófrio publica seu terceiro livro de poesia, *Ínvio lado*, selecionado para a Coleção Vertentes, uma das linhas editoriais da Editora da UFG. Em Darcy, crítica e poesia não são uma justaposição e muito menos uma contraposição pontilhada de fragmentos: a crítica, sem deixar de ser crítica, não recusa a roupagem lírica; e a poesia confronta-se constantemente com a poética, o que revela uma consciência da poesia e da crítica em estado de criação constante. Deixando de lado, neste momento, a luz penetrante do trabalho na área da crítica, e pondo em foco a inspirada luz do percurso da poetisa, pode-se perceber que entre o primeiro livro, *Vôo cego*, passando por *Amaro mar*, até este que vem a público, *Ínvio lado*, há uma transformação substancial da voz lírica que potencializa traços já esboçados nos primeiros livros, mas que vão adquirir contornos nítidos nesta obra mais recente, instaurando novas estruturas significativas.

Em *Vôo cego*, a marcação estilística mais acentuada encontra-se no paradoxo, revelando a bipartição do eu-lírico que busca sua identidade, em meio aos conflitos que dividem o ser, em especial a mulher, oscilando sempre e circulando além e aquém, mas sem a coragem de realizar a ruptura, ou livrar-se do labirinto das contradições: “O que sou eu,/ além de uma interrogação?”; ou ainda: “Eu sou/ o que não sou/ peias e

amarras/ da civilização”. Em *Amaro mar*, a busca de um caminho torna-se mais insistente. Ao vago e indeterminado “Eu quero um caminho” de antes, a autora opõe esta certeza: “Quero achar o meu caminho – o do começo”. A poetisa percebe-se dividida entre dois lados e o “caminho imposto no concreto” não lhe agrada; no entanto, o desejo de traçar o próprio perfil é, ainda, marcado pela insegurança e fragilidade: “se nem sei caminhar sobreterrâneo / e tenho medo da aprendizagem, // por que as mãos libertas e o outro plano / onde a luz apenas me fere e cega?”. Se perguntas de caráter existencial, metafísico se sucedem nos livros anteriores, a voz lírica nos poemas de *Ínvio lado* adquire um novo timbre, muito mais afirmativo do encontro e da posse. O eu-lírico consegue desmontar a construção fechada do *logos* e descobrir que “É do outro lado/ (do mistério)/ que não alcançamos/ que a flor explode” – no abismo das coisas, no lugar imaginário onde elas não têm nome, nem forma. Esta é a maturidade que os poemas de *Ínvio lado* refletem: a transformação ocorrida no encontro da mulher consigo mesma, completando o processo de individuação do ser.

O primeiro poema, “Ínvio lado”, fornece o título da coletânea e a chave para uma leitura de fulgurações em potencial. A separação filológica tradicional, que divide a palavra ‘in/violado’, não seria capaz de provocar emoção por se tratar de uma situação previsível, mas a divisão ‘ínvio lado’, constituída de um adjetivo e de um substantivo, causa impacto tanto pelo inusitado da separação, quanto pela profundidade do novo significado resultante. Ao retirar o ‘l’ de seu enclausuramento em ‘inviolado’ e evidenciá-lo como primeira consoante de um substantivo autônomo, a nova composição, ‘ínvio

lado', perde o sentido impregnado de violência, embora não consumada, sem perder, porém, o sentido negativo do 'in', agora em novo contexto: 'in/vio', em que o 'vio' encontra-se no sentido de via, caminho, e deve ser traduzido por 'sem caminho'. Portanto, *in*vio lado sugere um lugar sem caminho, lado de difícil acesso, lado que só poderá ser alcançado pelo imaginário. Assim, o primeiro poema da coletânea dá o tom a toda a sinfonia: o "outro lado/ (do mistério)". A palavra entre parêntesis é uma explicação, a poetisa não quer deixar dúvidas, trata-se de penetrar na obscuridade abissal de si própria e arrancar dali o segredo.

Na obra *Ínvio lado* (o lado inacessível), a poetisa quis privilegiar a imaginação simbólica contra o domínio da razão lógica. O ser humano, em sua procura da verdade, experimenta o conflito permanente entre a força do instinto e sua inteligência racional, entre sua fusão completa com a natureza e a distinção entre um sujeito que pensa e um objeto que é pensado. A volta do homem moderno ao imaginário, neste momento de crise material e espiritual, readquiriu sua força no retorno antropológico à origem do homem. O poeta que se deixa guiar pela intuição escolhe o caminho que o leva além dos confins da ciência para vislumbrar, por detrás dos dados concretos da razão, uma outra realidade oculta. Só a imaginação, visão direta da realidade, única a realizar, no dizer de Gilbert Durand, a coincidência dos opostos, é capaz de dar outra dimensão às coisas, invisíveis aos olhos e misteriosas para a razão.

No poema "Recriação", a poetisa contempla extasiada "do outro lado" a trepadeira em flor: "Não aquela que salta pelo muro/ e se alça em buquê e verdade,/ mas esta – assomo de beleza única – que recriou

os meus olhos”. Há verdade e beleza no buquê que se alça no concreto do muro, mas o assomo, grau máximo da beleza, está reservado para a recriação do imaginário. Com poucos versos, sem adjetivos, a poetisa consegue expressar, com nitidez, duas realidades: verdade e beleza de coisas existentes “no concreto” e verdade e beleza maior, que só existem porque recebem o sopro da imaginação. Versos que parecem feitos de pura luz e não de pesadas sílabas recolocam a essência da poesia, sua função criadora, no imaginário, lugar ínvio, mas único lugar onde beleza e verdade criam outra realidade – a do poeta: “o assomo da beleza única” sobrepõe-se de tal maneira ao concreto do buquê, como se a imaginação criasse novos olhos no poeta e nos seus leitores para fruir a beleza maior. É com esses novos olhos que se devem ler seus versos que querem ajudar a ver, no escuro, o caminho que leva ao ínvio lado: “Fico com essa metáfora de flores/ na prisão de meus olhos./ Lá fora, ela existe no concreto;/ aqui dentro, eu lhe sopro existência”.

O lugar sem caminho, paradoxalmente, se alcança por quatro caminhos distintos, apontados pela poetisa como subtítulos muito significativos: CLIVUS FEMINAE, LADEIRA DE SÍSIFO, ESTRADA REAL e VERDE VEREDA – verdadeiros sinais de trânsito, indicações explícitas de seu fazer poético que privilegiam o lado mítico e místico. A epígrafe de Gilbert Durand, sem dúvida, grande autoridade no campo do imaginário, encabeça o poema “Os dois talentos”, no qual a poetisa agradece “a graça/ do imaginário remoto”. Em apenas dois versos, de extrema concisão, Darcy consegue sintetizar a teoria de Durand sobre os regimes do imaginário e suas estruturas: “esse regime noturno/ sempre casado com a aurora;/ essa taça turva de mística/ na haste de uma espada flava”. A

essência do ser humano, no nível mais primário da experiência vivida e sentida, manifesta-se no mito, que surge como único meio capaz de realizar a mediação da verdade interior. Em outras palavras, os estudos antropológicos de Durand provam que o ser humano é uma constante cujas variantes podem ser previstas através de seus símbolos, sinais e mitos.

Os quatro símbolos arquetipais básicos na teoria de Gilbert Durand sobre o regime noturno e diurno da imaginação coincidem com as figuras universais do tarô: espada, copa, ouro e paus, que se encontram concentrados nos dois versos de Darcy: “essa taça turva de mística/ na haste [pau] de uma espada flava [de ouro]”. Símbolos das estruturas antropológicas do imaginário: a espada identifica e separa, defende e ataca; o ouro (moeda redonda) está ligado à repetição cíclica, o tempo vencido pela segurança do retorno; a árvore, simbolizada pela haste, representa o desenrolar progressivo do tempo e busca alcançar uma harmonização dos contrários; a taça dilui as fronteiras da matéria e do espírito e tem o poder de fundir todas as coisas – unidade na diversidade. Esses arquétipos, com suas significações bem definidas, estão ligados à subdivisão do título geral *Ínvio lado*, o lado sem caminhos, em quatro caminhos distintos: CLIVUS FEMINAE (a espada), LADEIRA DE SÍSIFO (flava, a moeda, o ouro), ESTRADA REAL (a vara, a árvore), VERDE VEREDA (a taça turva de mística). Para alcançar o *Ínvio lado*, a poetisa vai indicando caminhos paralelos do conhecimento mágico, formas diferentes de apreensão e interpretação da realidade: “estou presa a um círculo mágico/ mesmo na aurora do ano dois mil”.

*Clivus*, no contexto, significa subida, caminho íngreme, como esclarece a epígrafe introdutória: “um

ângulo quase reto na colina, como os *clivus* de Roma”. CLIVUS FEMINAE é, pois, o canto da mulher que luta por se libertar da dominação patriarcal. Nada escapa ao corte da espada, agora conquistada, nos poemas de CLIVUS FEMINAE, com destaque para o segundo, “Sob o manto da grande mãe”, que propõe uma revisão da história e do papel da mulher. Nesse poema epilírico, a poetisa resgata um tempo pré-cristão, quando a mulher podia dialogar com o sagrado ou até mesmo representá-lo, um tempo longínquo na história da mulher, quando ela desconhece ainda “a esquiva lenda judaica/ da maçã e da serpente”, com a qual a doutrina judaico-cristã introduz no mundo a idéia do pecado, da culpa e do castigo, que desgraçou as descendentes de Eva.

Antes não era assim. Na lendária ilha sagrada de Avalon, “O princípio da mulher/ não era o princípio do mal”. Por isso, Darcy vai buscar respostas nos mitos pré-cristãos, numa visão feminina oferecida em *As brumas de Avalon* – resgatar o que se foi e se fez, representa a possibilidade de se atingir o que se é. Para recuperar historicamente a ideologia patriarcal, dogmatizada a partir do Velho e do Novo Testamento, a poetisa pesquisa a fundo não só a *Bíblia*, mas também a obra *Malleus Maleficarum*, manual oficial católico de condenação às mulheres no período em que fogueiras arderam em bruxas e feiticeiras. Na busca de uma mensagem crística abstraída da teologia moral alicerçada no pecado e na culpa, a poetisa vai, ainda, aos textos gnósticos cristãos, reunidos na obra *The Nag Hammadi Library*, e descobre evangelhos apócrifos, não reconhecidos pela tradição cristã, que valorizam a mulher no Novo Testamento.

No longo poema "Sob o manto da grande mãe", misturam-se todas essas vozes para dar ênfase à condição da mulher através dos séculos. A produção poética se organiza a partir de uma incontida perplexidade e revolta ante o absurdo dos papéis vividos pelas mulheres sob o jugo do paradigma falocêntrico. A *persona* lírica, que diz "eu vi" e encarna a Grã-Sacerdotisa de Avalon, cujo corpo não sabe a sina do pecado e da culpa da ideologia cristã, vai compondo as visões da história, não apenas como quem observa, como espectadora, o passado, mas também como quem empreende uma viagem iniciática, no sentido de que promove um desenvolvimento de natureza interior, uma transformação. O eu-lírico propõe, então, uma nova história, um novo modelo, pós-patriarcal, em que não haja o predomínio de um dos lados, mas em que prevaleça a integração, a igualdade na diversidade: "É é no terceiro milênio/ que eu vejo no poço/ à luz da lua convexa/ homens e mulheres/ vivendo fraternais".

Em CLIVUS FEMINAE, os arquétipos primordiais misturam-se a mitos e lendas pré-cristãs, a rituais de purificação e expiação da *Bíblia* numa prova de autenticidade da poetisa que, além de conhecer, sabe usar as mitologias, transformando-as de tal maneira que se tornam símbolos contemporâneos. Poeta é quem, ao relembrar o mito, é capaz de recriá-lo. A figuração arquetípica em si permanece com o único significado, que é o etimológico; mas o mito, como núcleo, resumo de um evento histórico, embora *in illo tempore*, pode oferecer a possibilidade de florescer poeticamente desde que seja aplicado num outro contexto, como o que se oferece aqui: "Não quero que sejas condenado/a bicar meu fígado/ nessa rocha em que me encontro". Nestes versos de "Ao

homem patriarcal”, Prometeu não é um homem, é uma mulher, embora continue símbolo de luta, desafiando, acorrentada eternamente ao rochedo, e quem lhe bica o fígado, não é a águia, símbolo de Zeus, é um homem, feito à imagem de Deus que, por castigo, o tornou algoz da mulher. Nesta nova criação poética, há dois infelizes: a mulher e o homem. Mas o dia da libertação está perto, quando o homem patriarcal abdicar “o trono do *pater familias*”, para dar lugar ao novo homem que, num “gesto lírico”, alisa o ventre de sua amada, revezando “tarefas de parceiros, de iguais”. Desejo ou profecia, isto é o que se vê no poema “Ao novo homem”, que forma uma antinomia com aquele anteriormente citado.

Os poemas de *CLIVUS FEMINAE* não devem ser interpretados como um desabafo poético, um grito de libertação de todas as mulheres, ou muito menos um libelo contra os homens. Os poemas que compõem essa parte procuram, isto sim, responder ao conhecido questionamento de Freud: afinal o que querem as mulheres? Sem reducionismos simplistas, as mulheres desejam construir um mundo diferente, fazendo recuar a vileza do preconceito; querem respeito às igualdades e às diferenças; querem dizer “Não ao lento ritual do sacrifício”, para que “Nossas asas planem juntas”, e assim, mulheres e homens, “Inauguremos, na tarde, outro vôo”, como nos versos finais de “Ao homem patriarcal”.

Após a subida do *clivus*, espada em punho, uma nova caminhada nos é proposta no subtítulo da segunda parte – LADEIRA DE SÍSIFO. Prometeu desafiador é substituído por Sísifo que empurra o rochedo até o cimo, embora sentindo o fardo escapar-lhe montanha abaixo. Sísifo, maior que os deuses que lhe impuseram a pena de nunca alcançar o cume da montanha, transforma o castigo

numa sucessão contínua de subidas e descidas – num ciclo constante de eterno recomeço. As repetidas tentativas não o levam ao topo; sabe, no entanto, que cada experiência é um passo adiante e só isto já é um triunfo: “A própria luta rumo ao cimo basta para encher o coração do homem”, como explica a epígrafe de Albert Camus. Os poemas que compõem a LADEIRA DE SÍSIFO não possuem entre si a mesma coesão que fizeram do CLIVUS FEMINAE um só tema, mas têm em comum um fio condutor na dinâmica simbólica que movimenta, no imaginário, o denário, o ouro, que representa a síntese dos contrários com seu eterno recomeço; a roda realiza o gesto de ligar, aproximar pessoas e objetos numa eterna esperança.

O imaginário organiza-se nesta parte para compor o movimento cíclico do destino, repetição infinita dos ritmos temporais – a queda é o princípio de uma nova caminhada. Cair é erguer-se, tudo pode recomeçar. O Sísifo de Camus, bem longe do mito que representa a inutilidade da luta na repetição do mesmo gesto, é um Sísifo vitorioso, feliz mesmo na derrota. “Erguer-se:/ eis a verdadeira sina”, diz a autora no mesmo timbre de Camus. Aos gritos de desespero, sucedam os suspiros da esperança, para que “a marca de Caim” se apague com o selo da fraternidade, como sugere a poetisa em “Oração de Natal”. A esperança desencadeia o empenho de rebrotar sempre: “Quero ser nesta alta primavera/ só rebrotos de mim mesma”.

Enquanto as antinomias, as contradições, as atitudes extremas se tocam num gesto de reconciliação que permite o eterno recomeço, os estados intermediários da alma, as emoções não totais se repelem: “o que não desejo/ (nem suporte)/ é o silêncio triste/ da morte

antecipada”. O silêncio, a indiferença, a falsa amizade, o amor morno ou requeimado, enfim, as meias paixões, tudo isso não passa de “cristal trincado”, não serve para nada. Sísifo liga, sinteticamente, através do tempo, com os fios da esperança, só os termos antagônicos.

A mitodologia ainda está presente mesmo dentro de um caminho que aparentemente de tão concreto, como *ESTRADA REAL*, parece desvinculado do imaginário mítico. No entanto, *ESTRADA REAL*, subtítulo da terceira parte, engloba poemas cuja criatividade artística se apóia no mito, na intuição e na transcendência. Estrada real, também conhecida como estrada mestra, é a estrada principal de uma região, é o caminho largo por onde transitam todas as pessoas, caminho de mão dupla, ida e volta, vida e morte. Os poemas reunidos em *ESTRADA REAL* são uma sucessão de cantos nos quais se intercalam vida e morte, reais ou figuradas, dentro do maior mistério humano: “o maior segredo do mundo”. Mas não se trata de lamentos fúnebres, nem gritos de desespero, seus momentos de inspiração poética sobre a morte acabam por se unirem, através de uma solução global que é dada pelo tom elegíaco – medida capaz de queimar toda eventual antinomia nesta viagem de imersão e emersão nos mistérios da vida, daí a necessidade de mergulhar no além, de meditar sobre aquela outra dimensão misteriosa, “o depois” que o fundo místico do homem dá como “certeza”, mas sua razão humana considera “nebulosa”: “Haverá, um depois:/ essa nebulosa certeza”.

Neste apaixonado viajar, interrogando a consciência ao longo das marchas e etapas do itinerário, descobre-se o valor e a dignidade do homem, em sua dor resignada e consciente – é o que constitui a essência da elegia antiga e moderna. À elegia, o poeta confia seu

drama humano da morte e da vida. A poetisa fica na “fronteira de dois mundos”, entre o dia e a noite, entre a luz e as trevas, entre a morte e a vida – fronteira que é, ao mesmo tempo, dia e noite, luz e treva, vida e morte – síntese do antes e do depois, do ser e do não-ser. No imaginário do homem, os limites opostos se unem no símbolo da árvore; o tempo transforma a semente em árvore, que produz frutos, que serão uma nova semente. Darcy consegue alcançar aquela visão da vida através da qual os poetas podem transformar os objetos da realidade em sinais e emblemas, mitos da eterna crônica humana que é o nosso cotidiano ser e estar, empenhados em viver uma vida que nada mais é que um infinito alternar-se de nascimentos – “ataste aos pés as sapatilhas” –, e mortes: “mal tiveste tempo de desatar as sapatilhas”. Na ESTRADA REAL, Darcy demonstra o poder de imbricar o eterno e o transitório, a vida e a morte com o otimismo da esperança na força de renovação.

Ao contrário do que se viu em ESTRADA REAL, onde a poetisa mergulha em mistérios insolúveis para arrancá-los de sua condição de enigma, em VERDE VEREDA estão reunidos poemas que exaltam os breves momentos de felicidade, os instantes de íntima poesia, desejos e suspiros de paz, e, como nas outras partes, versos metalingüísticos, que cabem todos, naturalmente, na “taça turva de mística”. A taça, por sua forma redonda, atrai para o espaço circular o próprio simbolismo do centro, simbolismo misterioso ligado à divindade. Místico, o conteúdo da taça, aliás, no seu sentido corrente, é próprio da religião, enquanto enfatiza uma vontade de união com Deus e, ao mesmo tempo, se fecha para defender o segredo desta intimidade.

A taça representa a ambigüidade e a perene metamorfose, porque tem o poder de transformar as palavras e as coisas: unir, purificar a matéria e os homens e, por isso, torna-se o símbolo da poesia lírica nas estruturas do imaginário. Lírico é o poeta que sabe desvendar o cosmo, servindo de mediador entre o visível e o invisível, capaz de introduzir na linguagem das coisas sensíveis uma experiência sobrenatural, além dos sentidos. A poetisa nos deu, em VERDE VEREDA, seu caminho mais lírico: “muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol”, como na epígrafe de Guimarães Rosa. Sua lírica adquire uma maior potência criadora por sua linguagem descarnada até o essencial que tende, pouco a pouco, para uma posse mais sólida da realidade, numa verdadeira explosão poética das coisas: “esperarei tranqüila/ a gestação das flores/ e seu parto perfumado”.

Constrói seus poemas líricos emprestando-lhes o frescor das coisas, a essência própria das coisas, sejam elas objetos ou relações humanas, capazes de transpor limites, transformando o lugar da realidade num recanto de mistério. No poema “Estância do sonho”, o lirismo da poetisa Darcy transforma seu sítio, lugar de trabalho e possíveis preocupações, num paraíso de paz, alegrado pelo pipiar dos pássaros, da bica d’água, da chuva pingando, de periquitos estridentes “reinando no meu reino”. A essência da poesia lírica está nesse poder, que a poetisa revela, de transformar, numa única realidade, tanto os objetos reais quanto os sonhos do imaginário; tanto os fardos que, num gesto de carinho e amizade, o colega a ajudou a carregar no dia de sua aposentadoria, quanto o veleiro branco ancorado num mar sem fronteiras no asfalto do estacionamento. Transformação tão instantânea que a poetisa entrega à palavra “instante” a

missão de expressar o lampejo que fixa o momento da inspiração. O instante em seus poemas é como um signo da presença da poesia lírica que se prende “aos beirais do instante”. Nesses “beirais do instante” está a brevidade da vida e, ao mesmo tempo, o amor a esta vida fugaz, numa ilusão de esperança. O instante da lírica de Darcy funde os dois pólos opostos da existência, vida e morte, tão longo quanto a história humana, tão dolorido quanto o amor, tão profundo quanto o mistério da poesia.

Mas seria possível, nestas palavras de apresentação, acreditar haver esgotado o tema fundamental de *Ínvio lado* e revelado a originalidade da poetisa? Tema e originalidade devem ser procurados, em última análise, no poeta que está agitado pelo tema e que o revela com sua inconfundível voz secreta – rigor expressivo com o qual reduz a inspiração a seus nós essenciais, traduzidos em afirmações (do sentimento gerador) que explodem em surpresas finais. Poesia descarnada e, portanto, imediata, em que o organismo constitutivo é a palavra desenterrada de profundezas do inconsciente e trazida à luz como palavra virgem, pronunciada pela primeira vez pelo sentimento profundo do poeta.

É bem verdade que, quando acontece o imprevisível encontro, somente na zona de sombra secreta da leitura, entre a palavra escrita e a consciência receptiva do leitor, a poesia toma corpo e se transforma em realidade. É o leitor que transmite à palavra poética seu sopro de vida, mas é necessário que a palavra se encontre como predisposta, latente e adormecida, na organização da linguagem, possibilitando a mais ampla gama de transformações. O próprio caráter privado e irrepetível de toda leitura, o profundo e complexo intercâmbio que cada

vez se estabelece entre poeta e leitor pode levar este último à sensação de haver arrancado um segredo exclusivo, de haver atingido emocionalmente a esfera nebulosa e insondável do sublime: “toda palavra poética é como um objeto inesperado, um vaso de Pandora, do qual podem sair todas as virtualidades da linguagem”, como ensina Roland Barthes. Mais que um inspirado o poeta moderno parece querer ser um inspirador. Enquanto o Classicismo, para cada alegoria, fazia corresponder um referente bem preciso, o poeta moderno imprime à palavra o seu signo de liberdade, aberto a todos os sentidos possíveis, porque quer alcançar, antes de tudo, a comunicação do indefinido, do ambíguo e do polivalente.

A fruição da poesia – que, em nossos tempos, se poderia dizer – o consumo da poesia requer a atividade individual do leitor, através da qual ele tem a ilusão de ter penetrado num segredo, de ter estabelecido entre a composição poética e si mesmo uma conexão emocional irrepetível, emoção provocada pela surpresa de sentir-se ativado por um complexo código de informações, máquina geratriz do inefável – a emoção estética. Essa interação leitor e poeta é que vai permitir experimentar a emoção lírica – verdadeira possessão órfica – na fruição total de *Ínvio lado*.

*Maria Zaira Turchi*

## SUMÁRIO

### CLIVUS FEMINAE

Ínvio lado . . . . .	27
Sob o manto da Grande Mãe . . . . .	29
À sombra de Eva (I, II, III e IV) . . . . .	49
Janela . . . . .	55
Seixo rolado . . . . .	57
Amor cortês em subversão . . . . .	59
Cristo (des)coberto . . . . .	61
Ao homem patriarcal . . . . .	65
Ao novo homem . . . . .	67

### LADEIRA DE SÍSIFO

A fé remove montanhas . . . . .	71
Agosto . . . . .	73
Uma flor na outra . . . . .	75
Oração de Natal . . . . .	77
Escape . . . . .	79
Contradição . . . . .	81
Extralinhas . . . . .	83
Questão de amizade . . . . .	85
Ainda a amizade . . . . .	87
Variação sobre o mesmo tema . . . . .	89
O que importa . . . . .	91
Uma vez mais . . . . .	93

Floração .....	95
Monólogo em dois tempos .....	97

## ESTRADA REAL

Último feudo .....	101
Anatole – Leão domado .....	103
Aposentadoria .....	107
Seleção .....	109
Elegia para Cecy .....	111
Signo de um tempo .....	115
“Vai, amor” .....	117
Fragilidade .....	119
Poema para Veridiana .....	121
Ruínas do velho “Bom Conselho” .....	125
Os irracionais .....	127
Elegia para Márcia Helena .....	129
Do tamanho do enigma .....	131
Gregos e troianos .....	133
Elegia para Anyzio de Souza .....	135
Ambigüidade .....	137

## VERDE VEREDA

Desejo .....	141
Os dois talentos .....	143
Bruno .....	145
Recriação .....	147
Esperança .....	149
Na Estância do Sonho .....	151
Ave, Egídio .....	153
Festa interior .....	157
Lua eterna .....	159

Dona Maria (de França) ou D. Mariinha . . . . .	161
Celebração . . . . .	163
A que nunca subtrai . . . . .	165
Poema reescrito . . . . .	167
Oferenda . . . . .	169
Samaritana . . . . .	171
Mensageiros do vento . . . . .	173

ELIVIS FEMINAE

Esta obra rememora a presença  
de um grande nome da cultura  
brasileira na cidade de Arara.

C. M. M. M.



## INVIOLADO

Três séculos depois de um  
"Bom dia, senhor" por  
uma mulher

Um um fado de fôr  
que não perdurou  
talvez a um, va rapela  
com a guarda sua amada.

Quase sempre voluntariamente  
em sua história de destino  
e atropelados pelos  
pulsos pontos dos segundos.

El al cielo pertenece  
e o futuro de sua vida  
e o futuro que se encontra  
um

## CLIVUS FEMINAE

El destino de  
ela a história  
que não se encontra  
que a história de  
ela a história de

El que se encontra  
e o futuro de sua vida  
e o futuro que se encontra  
e a história que se encontra

Ela subia caminho íngreme,  
um ângulo quase reto na colina,  
como os *clivus* de Roma.

C. McCullough



## ÍNVIO LADO

*Tell all the truth but tell it slant -  
Success in circuit lies.*

EMILY DICKINSON

Há um lado da flor  
que não penetramos:  
talvez a reserva sitiada  
onde guarda seu aroma.

Quase sempre esbarramos  
em seus ferrões de defesa  
e sangramos nossa dor  
pela ponta dos espinhos.

E aí então paramos  
e olhamos só por fora  
a beleza que se entrega  
com sua quota de reserva.

É do outro lado  
(do mistério)  
que não alcançamos  
que a flor explode  
em toda sua grandeza.

É lá que se contorceu  
e guardou a sua história  
e sangrou as suas gotas  
e a solidão que (sobre)carrega.

Quem olha uma flor  
ou um ser desabrochado

vê um prisma (feio ou lindo)  
jamais o seu lado  
inviolado.

## SOB O MANTO DA GRANDE MÃE<sup>1</sup>

*Pelo pensamento, criamos o mundo  
que nos cerca, novo a cada dia.*

SABEDORIA DRUIDA

Meu corpo ancestral  
conhece um tempo  
sem a marca do pecado:  
sou meu presente  
e todo meu passado.

Sou Morgana das Fadas  
Grã-Sacerdotisa do Lago  
da linhagem de Avalon.  
Venho da Senhora  
da Ilha Sagrada  
e também de Taliesin  
sacerdote druida  
o maior dos bardos  
da Bretanha  
antes de ser Merlim.

Meu corpo atemporal  
em primordial pureza  
carrega perfume  
de flores de macieira  
a exalar prenúncio  
do solstício de verão.

Vivo agora e na lenda  
de poços sagrados  
grinaldas da primavera  
do Grande Casamento  
com a terra  
e danças rituais.

Trago cinzas  
das fogueiras de Beltane  
a incendiar as praias;  
e os homens e as mulheres  
que ardiam noutra chama  
sob a luz da lua cheia.

Seus corpos sem pecado  
dançavam a dança espiral  
nos bosques de macieira  
no antigo ritual  
à Deusa de Beltane.

Em nome da Deusa  
e da própria vida  
a chuva dos corpos  
fertilizava os campos  
as mulheres e os animais  
e multiplicava as colheitas.

Sou Morgana das Fadas  
Grã-Sacerdotisa de Avalon  
da linhagem real dos Antigos.  
Tenho olhos de ver além  
do véu entre os dois mundos.

Um dia, antes de mim,  
quem viu mais foi Viviane:  
a irmã de minha mãe  
que no espelho das águas  
à luz da lua de cornos  
interpretou o destino  
dos povos da Bretanha.

E preparou a vinda  
do Grande Rei Artur  
na dupla linhagem real:  
das tribos e dos romanos.  
E também a de seu filho  
que nasceu de meu ventre  
depois do Grande Casamento.  
Fui a Donzela Caçadora  
e ele, o Galhudo  
sem saber que éramos irmãos.

Vivi no tempo  
da Grande Deusa, Ceridwen,  
a grande Mãe do Amor  
e do Nascimento  
mas também a sombra  
a Senhora das Trevas  
e da Morte;

ou Morigán  
o Grande Corvo  
a mensageira da luta  
que via impassível  
correr o sangue  
no altar do sacrifício:

a Grande Deusa  
e sua face secreta.

No mundo da Grande Mãe  
antes dos romanos cristãos  
o princípio feminino  
desabrochava natural  
nas flores de Avalon.  
Nem homens nem mulheres  
de sol e lua no corpo  
negavam em si  
as ondas da deusa.

Fluindo no rio  
da Natureza  
deitavam-se eles  
em primordial pureza  
sempre com um ser  
superior e sem rosto  
— o Deus ou a Deusa —  
para que a vida  
se multiplicasse.

O princípio da mulher  
não era o princípio do mal.  
Era um tempo generoso  
sob o manto da Grande Mãe  
onde todos cabiam.  
E quando era sagrado  
dar à luz uma menina.

O vértice da virtude  
da mulher em Avalon

era entregar seu corpo  
ao Deus ou à Deusa  
como se fosse uma flor  
cumprindo a primavera.

Não se enroscava  
nas macieiras  
desse paraíso  
a esquiva lenda judaica  
da maçã e da serpente.  
E nossos druidas  
em silêncio sabiam  
que era a mulher  
uma sagrada via  
para o bem no mundo.

Havia a Deusa Grande Mãe  
e a Grã-Sacerdotisa.  
E na pura harmonia  
com os deuses tribais  
havia o Grande Uno.  
Este ressonava profundo  
no cofre dos mistérios  
de grandes iniciados:  
os sacerdotes druidas  
nossos aliados  
conselheiros de reis  
mensageiros dos deuses.

Eles sabiam quebrar  
a casca de noz mais secreta:  
“todos os deuses são  
um só Deus; e todas as deusas

são uma só Deusa.  
E a cada homem a sua verdade.  
E Deus com ela”.

Um dia, quando os saxões  
incendiavam o coração  
da Bretanha, eu vi  
com a minha dupla visão  
no espelho da lua virgem  
outro incêndio devastador.

E este era mais triste  
que o dos romanos  
aos bosques sagrados  
que montavam guarda  
aos mistérios druidas  
e às Sagradas Insígnias  
levadas depois a Avalon.

Vi imensas fogueiras  
negando as de Beltane.  
No espelho, dois padres  
(*domini canes*)  
e um papa (inocente?)  
ateavam um mar de chamas  
para avassalar um domínio  
já de joelhos por milênios.

Vi mulheres altivas  
como as guerreiras  
do norte da Bretanha  
caçadas como bruxas

humilhadas e torturadas  
em dias de suplício.

Vi homens devassando  
corpos de mulheres  
à busca de marcas:  
cópula de íncubos  
ou símbolos do Demônio.

Vi o ritual macabro  
do chamado Santo Ofício.  
Menos cruento  
era o de Morigán  
no altar de sangue  
do Grande Corvo.  
Esse não dissimulava  
seu próprio nome.

Vi um ritual de horror:  
imolação de mulheres  
a outro Grande Corvo.  
A provação pelo ordálio  
ainda lei no Santo Ofício:  
braços estirados e retorcidos;  
corpos esquarterados  
ou suspensos ao teto  
para requintes de suplício;  
mãos (e o transe de dor)  
carregando ferro em brasa;  
e a água fervente.  
E gritos! E gritos! E gritos!  
Ou o silêncio...

Se não confessassem  
aos Grandes Corvos  
a culpa que não tinham  
pobres mulheres!  
Raspavam-lhe o pelo  
iam até às partes  
que eles diziam  
(cheios de pudor)  
“não podiam ser mencionadas”  
embora pudessem *voyeur*  
se algum sinal ali havia.

Se não confessassem  
a culpa que não tinham  
pobres mulheres  
numa fogueira arderiam.  
Numa anti-Beltane  
que incinerava  
o princípio feminino  
a Deusa em nós – a vida.

Na minha visão *bifrons*  
navegava passado e futuro:  
viajei ao passado bem mais longe.  
Vi patriarcas fiando aos filhos  
a triste lenda judaica  
da maçã e da serpente.

E, depois, um punho patriarcal  
duro como a pedra do Sinai  
redigindo um testamento:  
o grande legado aos filhos.  
Meus olhos viram

– a alma gelada –  
as entrelinhas do Gênesis.  
Era a morte da Deusa em nós –  
homens e mulheres.

Javé, Deus único todo-poderoso,  
faz o mundo em sete dias;  
e no último deles  
espelho de seu próprio rosto  
cria somente o homem.  
Depois, para não vê-lo só  
vagando solidão  
tira-lhe da costela Eva  
a mulher primordial.

O criador dá-lhes  
o Jardim das Delícias  
onde não se planta  
e tudo se multiplica.  
Mas houve a sedução  
da serpente. Ouve Eva  
a pérfida que seduz Adão.  
E Javé onipresente  
controlador do menor passo  
expulsa-os do paraíso.

No espelho vermelho das águas  
vejo a *culpa*, a *culpa*, a *culpa*  
– o pecado original –  
o grande mal circulando  
pelo sangue materno.  
Eva para sempre desonrada  
mulher para sempre desgraçada  
a sombra, o mal, a perfídia.

Depois tive a turva visão  
do chamado Eclesiástico  
e li, rastejantes, tais palavras:  
“a mulher é pior  
que a víbora”.  
E “Toda malícia é leve,  
comparada com a malícia  
de uma mulher”.

Em todo o velho tomo  
a honra da mulher tripudiada.  
Lívida, parei em Levítico  
ouvindo a voz de Javé a Moisés:

“Fala aos filhos de Israel, dizendo:  
Se uma mulher conceber e tiver  
um filho varão, será imunda sete dias,  
assim como nos dias da separação  
da sua enfermidade, será imunda.  
E no dia oitavo se circuncidará  
ao menino a carne de seu prepúcio.

Depois ficará ela trinta e três dias  
no sangue da sua purificação;  
nenhuma coisa santa tocará,  
e não virá ao santuário  
até que se cumram os dias  
da sua purificação.

Mas, se tiver uma fêmea,  
será imunda duas semanas,  
como na sua separação;

depois ficará sessenta e seis dias  
no sangue da sua purificação”.

E haveria o holocausto  
de um cordeiro de um ano  
e um pombinho ou uma rola  
para expiação do *pecado*  
que só ela, só ela cometeu  
quando dois se entrelaçaram.

E a mulher sem posses  
“tomará duas rolas,  
ou dois pombinhos;  
um para o holocausto e outro  
para a expiação do pecado;  
assim o sacerdote por ela  
fará propiciação, e será limpa”.  
Do *pecado* que só ela multiplica  
ao tornar-se uma só carne  
com o homem amado.

Indigna, a primeira mulher  
e todas as suas descendentes:  
bode expiatório do ritual patriarcal.  
Lembrei-me da sabedoria druida:  
“é aquilo em que a humanidade acredita  
que modela o mundo e toda a realidade”.

Então as águas turvaram-se  
vermelhas de fogo e sangue:  
vi de novo os dois sacerdotes  
redigindo seu próprio tomo  
– *Malleus Maleficarum* –

filho do primeiro alfarrábio,  
fruto amargo da figueira  
que não deu frutos.

Meus olhos de ver além  
foram lendo linhas tortas  
malhas de caçar mulheres  
de fazer corar os Antigos,  
povos da Bretanha.

Era um filho sinistro  
do Gênesis bíblico  
propagando o eco  
do Eclesiástico:  
pior do que a víbora  
era a mulher, o livro  
outra vez ressoava.

E os dois teólogos  
doutores de horrores  
no manual de ódio  
às mulheres  
assim assentavam  
no timbre de Javé:

“Mais sujeita à bruxaria  
porque mais pérfida,  
mais fraca na mente,  
no corpo e na memória,  
um ser inferior, animal  
insaciável, mais carnal  
do que o homem

capaz de copular até  
mesmo com o demônio”.

E os dois padres  
calcavam sinuoso ferro  
com uma causa dita natural:  
a mulher era mais propensa  
ao mal e à bruxaria  
porque “houve uma falha  
na formação da primeira mulher  
por ter sido ela criada  
a partir de uma costela recurva,  
ou seja, uma costela do peito,  
cuja curvatura é, por assim dizer,  
contrária à retidão do homem.  
É como, em virtude desta falha,  
a mulher é animal imperfeito,  
sempre decepiona e mente”.

E mais, em santa modéstia,  
eles diziam: “Abençoado seja  
o Altíssimo, que até agora  
tem preservado o sexo masculino  
de crime tão hediondo:  
como Ele veio ao mundo  
e sofreu por nós,  
deu-nos a nós, homens,  
esse privilégio”.

Olhei para o poço sagrado  
refletindo lua convexa  
e vi não muito longe  
outra fonte revolvida

que sustentava a sede  
do *Malleus Maleficarum*.

Era um Novo Testamento  
que rasurava linhas  
do que estava escrito;  
esperança e legado  
de um homem sereno  
chamado Jesus.

Filho do Deus único  
dos padres da ilha  
que um dia distante  
mesmo antes  
das legiões de Roma  
suplicaram humildes  
para erguer sua cruz  
na terra de Avalon.

Os druidas do Grande Uno  
enxergando a cruz dentro  
do círculo com três asas  
abriram frestas no sagrado:  
deram-lhes a ilha que  
se nomeou dos padres  
– a Ilha de vidro ou Ynis Witrin.

Em paz com os druidas  
ergueram o seu mosteiro  
e a capela onde um dia  
São José plantara seu cajado  
e ele, todo lírio, floresceu.

Olhei para o poço revolvido  
daquele Novo Testamento  
mistério do filho do Deus único,  
chamado Redentor, que teria  
suportado e sozinho expiado  
os pecados da tribo de seu Pai.

Fui visando passagens  
e vendo verdades  
de outra doutrina  
desse chamado Jesus.

Como um druida  
a um paralítico,  
estende sua mão à mulher  
e lhe diz: “levanta-te e anda”  
em tua dignidade.

Salva até mesmo a mulher  
(corça trêmula e pavor)  
que chamavam adúltera.  
E desafia no murmúrio  
a empunhar e a atirar  
a primeira pedra aquele  
que não tivesse pecado.

No cristal de seus olhos  
e na sua estranha doutrina  
*todos eram*, igualmente,  
filhos do mesmo pai  
*igualmente pecadores*.

E ante a censura  
faíscas em olhares duros

defende outra mulher  
chamada pecadora.<sup>2</sup>

Ela unge Sua cabeça  
com fragrância rara  
e Ele se diz cordeiro  
sendo preparado  
para o Grande Sacrifício.

Vi compaixão exalar  
desse chamado Messias,  
compaixão por Eva  
dita “mais amarga  
que a própria morte”.  
A mulher ergue-se  
em sua mensagem  
limpa da limalha patriarcal.

Descem brumas ao meu poço:  
vejo uma discípula sendo iniciada  
por Jesus. É Maria, muito amada.  
Mas o mistério é o seu rosto:  
ora o alvo lírio de Betânia  
ora a rosa de Magdala depurada.

Meus olhos vêem a redação final  
do chamado Novo Testamento.  
Há punhos duros da pedra do Sinai  
ordenando as partes da doutrina.  
Cenhos em relâmpagos riscam linhas  
seções, subtraem três evangelhos:  
os de Tomé, Filipe e Maria.<sup>3</sup>

Estes são enterrados fundo  
no solo sáfaro das sete pragas  
para que se apague o novo rosto  
da mulher na mensagem  
do que se chamou Jesus.

Vejo, num deles, o apóstolo  
Pedro hostilizando Maria  
negando – ao canto do galo –  
que pudesse Cristo  
haver revelado alguma coisa  
em especial a ela e não a eles  
justamente os apóstolos.

A pedra de Pedro arranca lágrimas  
de Maria e a indignação de Levi  
que a defende: “Pedro, você sempre  
foi impetuoso. Agora vejo você  
atacando a mulher  
como a um adversário.

Mas se o Salvador a valorizou,  
quem somos nós para rejeitá-la?  
Certamente o Senhor a conhecia  
muito bem. Por isso é que ele  
a amou mais do que a nós”.

Pedro, angular, respondeu:  
“Que Maria nos deixe porque  
as mulheres não são  
dignas do Espírito.”

Vi no espelho das águas  
que desenhava a lua virgem

a mulher sendo banida  
do apostolado e do sacerdócio.  
A palavra de Pedro primeiro  
sucessor de Cristo vitoriosa  
e confirmada na sua igreja.

O verbo de Cristo  
para salvar a mulher  
da espada patriarcal  
vai dormir um sono  
de quase vinte séculos  
onde a luz não alcança  
sob o solo da esfinge.

Depois de desenterrado  
não terá outro destino  
diferente do primeiro:  
proseguirá seu sono  
no sótão do tempo  
em Nag Hammadi  
até o terceiro milênio.

E é no terceiro milênio  
que eu vejo no poço  
à luz da lua convexa  
homens e mulheres  
vivendo fraternais.

Já carregarão de novo  
o sol e a lua no corpo  
o Deus e a Deusa  
que foi desterrada.  
A maçã do Éden

será doce à boca  
e terá outra vez  
o sabor de Avalon.

E a mulher não ocultará  
seu próprio rosto  
nem terá sobre si  
o peso das escrituras.

Homens e mulheres  
se entregarão solidários  
pelos outros milênios  
e nem se lembrarão  
de que num dia distante  
tiveram de parar na linha  
de suas fronteiras.

Não mais se ouvirá o trovão  
da voz do Deus único  
a ressoar do Êxodo:  
“Eu sou o Senhor, teu Deus,  
um Deus zeloso que vinga  
a iniquidade dos pais nos filhos  
nos netos e nos bisnetos  
daqueles que me odeiam”.

Os dez mandamentos do Sinai  
se acomodarão em dois  
e eles se fundirão para sempre  
em um só na voz mais doce  
daquele Cristo amoroso  
como a Grande Mãe  
que soube conjugar amor:  
“Amarás ao Senhor teu Deus

sobre todas as coisas  
e ao próximo como a ti mesmo”.

Quem sabe nesse dia  
o cajado de São José  
que floresceu em Avalon  
florescerá mais uma vez.  
E como no sonho druida  
a cruz se soldará dentro  
do círculo com três asas.

Ouço a voz de Viviane  
Grã-Sacerdotisa de Avalon:  
“Deus é chamado por muitos nomes  
mas é o mesmo em toda a parte”.

E mais uma vez a voz  
do Merlim da Bretanha:  
“Os druidas e os padres  
servem aos Grandes  
que estão acima de nós”.

Sou Morgana das Fadas  
e posso ver o (im)possível:  
nesse dia – soluz –  
até o caldeirão e a cruz  
poderão viver em paz.

---

1 Este poema inspira-se em passagens de livros tais como *As brumas de Avalon*, de Marion Z. Bradley, *Malleus Maleficarum*, *The Nag Hammadi Library* e também *A Bíblia Sagrada*.

2 Lucas 7, 36-50.

3 Parte dos textos gnósticos cristãos, que valoriza a mulher na mensagem crística, descobertos em 1945, em Nag Hammadi, no Alto Egito. Hoje estão no Museu do Cairo.

## À SOMBRA DE EVA

I

Era um tempo de trevas  
e de brumas sobre o meu corpo.  
Um tempo de pesadas vestes:  
uma única janela para o meu rosto.

Um cavalo avassalava  
minhas planícies e vales,  
me punha bridas e loros,  
depois um cinto de castidade.

Eu não falava: minha língua  
guardava-se em ostra  
e o estro silenciava-se  
numa lira que dormia.

Meu amo determinava:  
eu só ouvia.  
Meu amo vociferava:  
eu encolhia.

## II

Com a roca e o fuso  
e um cesto da mais pura lã,  
adestrava meus dedos  
para tecer a manhã.

Sozinha no burgo,  
(ah! bem longe era o meu Senhor)  
embalava no berço  
a balada que eu compus.

E meu canto se alçava  
e com ele também eu,  
enquanto durava a paz  
que a guerra me podia dar.

Eu não lia nem soletrava  
sobre uma tábola redonda;  
só adestrava meus dedos  
para tecer a manhã.

E num bosque bem fundo,  
numa grotta dentro de mim,  
meu estro se formava  
numa lira eólia  
que acordava.

E eu enredava no fuso  
(horário) outra manhã.

### III

Quantos séculos dormiu meu canto?  
Quem estrangulou minha garganta  
afiada para solar, meu canto?

Era um pássaro mudo  
engolindo a cascata  
aérea de seu canto.

Um pássaro na gaiola  
ferindo as asas –  
sonata a debater-se.

Um pássaro preso  
a olhar o céu (arquiteto)  
e seu aceno de poesia.

IV

*O marido desconhecido, que era ainda  
apenas uma voz e um terror na noite.*

M. ZIMMER BRADLEY

Nos túmulos elisabetanos  
crianças de mãos postas  
e orações içando aos céus.

O que faziam as mulheres  
ainda sem registro  
e sem memória?

O canto era do homem,  
a voz era do homem,  
a vez era do homem.

Meus seios mal intumesciam  
entre bonecas e narcisos  
e eu já tinha o eleito  
que por mim escolhiam.

Das bonecas para o tálamo,  
para o amo e o espanto  
daquele grosso rio que escorria  
em vale que se formava.

Os olhos atônitos buscavam  
brinquedos quedos no canto,  
mas doce e dócil me queriam  
sob o pêlo de um cavalo.

Vontade – tinham por mim.  
Voz – tinham por mim.  
Destino – traçavam-me.

Eu só soletrava aquilo  
que meu amo domava  
entre dor e espanto.

Com a nostalgia da boneca  
tão cedo aposentada no aposento,  
estrangulada no seu canto.



## JANELA

*o modo de compensar uma  
janela fechada é abrir outra.*

MACHADO DE ASSIS

Sentinela avançada  
ou torre de princesa  
(aprisionada)  
esse vão aberto na parede  
do décimo quinto andar

é muito mais que uma fresta:  
por ele minhas asas de graça  
alçam vôo pelas estrelas  
ou roçam a lagoa do asfalto.

Por ele vejo, além do abismo,  
as vidas que circulam  
com seus enigmas  
sobre as quatro rodas  
de um carro de brinquedo.

Fortaleza avançada  
ou torre de princesa  
(acorrentada)  
foi daí que os olhos feminis  
sonharam o horizonte  
que não alcançavam.

Foi daí que viram  
o desenho de asas  
— pura fuga no azul —

e mais sentiram ferro  
ferro sobre o peito  
ferro dos ferrolhos.

De tanto ver de relance  
príncipes nas carruagens,  
de sentir perfumes de flores  
que não se mostravam,  
de beber a nesga do verde  
tão restrito na paisagem

começou a ter mais sede  
de um céu todo aberto,  
de um horizonte desdobrado  
que nunca vira antes  
mas com que sonhava.

E um dia deixou a torre  
– e o único vão possível –  
para palmilhar livre  
no concreto que se armava.

Experimentou frutos na passagem  
e conquistou espaço no espaço  
que diante de seus olhos  
se abria e multiplicava.

Mas, de vez em quando,  
num gesto ancestral  
– ou sestro de pássaro cativo –  
volta para o vão da janela  
e põe no próprio pulso  
a corrente já partida.

## SEIXO ROLADO

Agora, só a suavidade da forma.  
Os ângulos amenos, os cantos sem arestas.  
Ou um círculo – mandala de si mesma.  
Eis o que restou da forma primitiva.

Mas esta pedra tem a sua história  
perdida no leito mais escuro do rio.  
E o olhar que se detém no objeto  
não pode surpreender sua inteireza.

Ninguém adivinha os dilúvios,  
os duros rodopios, as quedas,  
os dentes de ocultas engrenagens  
que apascentaram suas arestas.

Ninguém adivinha a íntima dor  
que se desprende de seus ângulos;  
os cacos de vidro e o resíduo  
que deixou no vale de sua via.

Vitoriosa e domada, a nova face.  
Os olhos não se cansam de visitar-lhe  
a forma externa conformada.  
Nenhum gemido escapa  
de um canto mais rebelde.

Eis a pedra que resiste  
e a seu modo se preserva.  
Este círculo em que se detém  
é seu núcleo, sua essência,  
último reduto de si mesma.

...  
Agora, se a verdade de todos  
Os jardins humanos, os jardins  
Ou um círculo - também de si mesma  
Eis o dos jardins de forma divina.

...  
Eis esta pedra que se preserva  
possível no jardim mais antigo do mundo  
E a obter que se detém no círculo  
que se preserva em si mesma.

...  
Ninguém sobrevive ao dilúvio  
ou quem sobrevive, se detém no círculo  
ou jardins de ocultas essências  
que se preservam em si mesmas.

...  
Ninguém sobrevive a si mesmo  
que se preservam em si mesmas  
ou quem sobrevive, se detém no círculo  
que se preservam em si mesmas.

...  
Ninguém a guarda, a guarda  
Os jardins não se detêm no círculo  
e jardins ocultos, ocultos  
Ninguém jamais escapa, escapa  
de um canto mais profundo.

## AMOR CORTÊS EM SUBVERSÃO

*Esta concepção audaciosa, pela qual a mulher era livre de dar o seu amor [...] por vezes valeu alguns embaraços ao ousado trovador.*

M. RODRIGUES DA LAPA

Seremonda, castelã de Rossilhão,  
tem a seu serviço  
a fina arte de trovar  
de Guilhem de Cabestanh.

Não só a arte, ele também  
agrada à dona (e dela se agrada).  
Suas trovas subvertem normas:  
não são as de um fingidor.

Quebra-se a fina louça  
de servir amor cortês:  
a branca porcelana  
da espiritualidade.

Amam-se em secreto espaço  
(ninguém sabe ao certo)  
talvez um esquecido quarto  
(à complacência de aias),  
ou as ameias do castelo.

O marido feudal traído  
em sua própria cidadela,  
levanta a ponte levadiça.

“Matou Guilhem, arrancou-lhe o coração  
e fê-lo servir assado a Seremonda”.

Degustado o coração do amante,  
ouve do marido a cruel verdade.  
Corre louca os olhos pela sala  
vê aberto o vão da janela

atira-se ao fosso do desespero.

O rei de Aragão,  
pasma, soube de tudo.  
E para honra da pátria  
(e não da família)  
ordenou prisão perpétua  
ao cruel cortesão.

E mandou enterrar lado a lado,  
na igreja de Perpignon,  
os dois corpos dos amantes,  
proferindo tais palavras:  
“nem a morte os separe”.

## CRISTO (DES)COBERTO

Eu às vezes penso  
na doce figura  
do Nazareno.  
Bem diferente  
é a outra face  
de seus imitadores.

Cristo não permitiu  
que a primeira pedra  
lacerasse a carne  
da mulher adúltera.

E se deixou perfumar  
por outra mulher  
chamada pecadora.

Nessas ocasiões,  
foi censurado  
por seus discípulos  
em cuja concha  
seu (a)mar não cabia.

Mesmo Maria,  
mulher purificada,  
e discípula predileta,  
foi voz sangrada  
no corpo do evangelho.

O maior dos apóstolos,  
pedra angular  
de Sua Igreja,  
pulverizou essa flor  
em seus dedos patriarcais:  
as mulheres são  
indignas do Espírito.

E a voz de Pedro  
ainda ressoa  
na de João Paulo (II)  
neste fim de milênio.

Pede perdão às Mulheres,  
em nome da Santa Igreja,  
pelas injustiças sofridas  
e pelo fogo da Inquisição.

Mas lhes nega o direito  
de subir ao altar  
de outro sacrifício  
para consagrar  
o pão e o vinho.

No timbre de Pedro  
prescreve, assina:  
"a principal vocação  
da mulher  
é a maternidade".

Se não há maternidade  
sem paternidade,

fica fácil decifrar **PATRIARCAL**  
o enigma de Gandhi:

— Eu entendo o Cristo,  
mas não os seus sacerdotes.

Não quero que seja construído  
à volta das igrejas  
uma volta em que me encaixem.

Amo de repente a ciência  
— agarrado pelas plantas  
em bases de esta pedra.

Um edifício pacífico  
envolve a terra — como de repente  
e publica a vida.

de novo labor associado  
para a vida, outra vida  
à maneira da guerra.

para construir, eis o trabalho  
construído ao tempo — construído  
no tempo, enquanto a construção.

Amo a vida, como a vida  
(tanto a vida, quanto a vida)  
construído a construção  
a construção, eis a vida.



## AO HOMEM PATRIARCAL

Não quero que sejas condenado  
a bicar meu fígado  
nessa rocha em que me encontro.

Ave de rapina e alturas  
vagueaste pelas planícies  
em busca de suas presas.

Um silêncio patriarcal  
envolvia meu prato de lentilhas  
e nublava a visão

de uma lebre assustada  
que não via outra saída  
à sombra do gavião.

Asas caídas, eis o condor  
amarrado ao touro – sangrando –  
no ritual espanhol da sujeição.<sup>1</sup>

Aos pés de meus Andes  
(ainda regime colonial)  
examino o sacrifício  
e vejo quão ele é vão.

A poucos dias do novo milênio  
descubro ao sol da meia-noite  
quanto constringe  
o modelo herdado:

ficas um emblema para os filhos  
ficas para guardar a aura da santa  
ficas para legar o mais antigo legado.

E saber que tudo quanto mais queria  
era não te ver Sansão, condenado  
a arrastar essa corrente milenar.

Era que soletrasses o novo padrão  
que vem nos ventos alísios  
prometendo safra  
generosa de partilhas.

Não ao lento ritual do sacrifício.  
Nossas asas planem juntas:  
decolem do dorso  
desse antigo símbolo  
de uma hispano-américa tão irmã.

Inauguremos, na tarde, outro vôo.

---

1 Na América espanhola, na região dos Andes, os colonizadores introduziram na tourada um ritual simbólico de dominação: amarravam ao lombo de um touro, animal-símbolo da dominação espanhola, um condor, ave-símbolo do elemento autóctone e da liberdade. Este era brutalmente sacrificado pelo touro enfurecido.

## AO NOVO HOMEM

Eu te pressinto, novo homem:  
já abdicas o trono do *pater familias*  
e atiras longe o gládio temperado  
para o golpe (pelas costas) na arena.

Eu ouço o timbre de tua voz:  
ela não sabe a de comando  
não impõe sujeição ao outro  
nem o convoca à defensiva.

Eu ouço o timbre de tua voz:  
não é o belicoso-épico legado  
que obriga a recuar ou revidar  
um ser acuado na sombra.

Eu te surpreendo no gesto lírico  
de alisar o ventre de tua amada  
mandar mensagens ao filho  
entabular falas intrauterinas;

depois, lamber a cria recém-nascida  
de dois grávidos do mesmo fruto  
que gestaram juntos nove meses  
e chegaram a um parto solidário.

Eu te adivinho em abluções,  
trocando fraldas, com as mamadeiras,

entoando canções, revezando  
tarefas de parceiros, de iguais.

Eu te imagino ao trabalho  
(a casa em névoa pela cabeça)  
usando os dois lados do cérebro  
– um ser muito mais completo.

Eu te saúdo, homem generoso,  
capaz de ternuras plenas, de partilhas  
justas, que sai sempre às claras,  
assume os atos, não esconde o jogo.

Eu saúdo o novo homem  
que no tribunal de um justo  
não lava as mãos nem cobre

o rosto.

A LÍZEMOVE MONTANHAS

Quais dantes do tempo  
de palavras bíblicas,  
há mais do que três vezes  
e não há do tempo.

"A lízemove montanhas"  
dizes, por dentro, a voz  
de um povo perdido  
e atado ao tempo  
de um tempo eterno.

Ele que vive no mundo,  
há mais do que três vezes,  
a mesma verdade popular

## LADEIRA DE SÍSIFO

Montanhas que não são  
- a mesma verdade -  
de um tempo eterno,  
a que se faz tempo?

A própria luta rumo aos cimos basta para  
encher o coração de um homem.

- a mesma verdade -  
de um tempo eterno,  
a que se faz tempo?

*Albert Camus*



## A FÉ REMOVE MONTANHAS

Oculto detrás do limo  
da palavra bíblica,  
há mais do que lhe recolhe  
o alvo linho do templo.

“A fé remove montanhas”:  
ouça, por dentro, a ressonância  
deste provérbio perdido  
e achado no fundo lodoso  
de um búzio aramaico.

Ele nos ressoa aos ouvidos,  
há quase dois mil anos,  
a mesma verdade popular  
tantas vezes repetida:  
“querer é poder”.

Mas mesmo que não seja assim  
– tão simplesmente –  
já me indaguei, alguma vez,  
o que fiz por mim?

Não há nada que se queira  
– com desesperado querer –  
que não se alcance,  
mesmo de forma imperfeita.

O empenho é a arma secreta  
o único projétil  
que desenha alvo perfeito  
na balística humana.

Há pedras em todos os caminhos.  
E há sempre uma parte  
que nos compete remover,  
mesmo que sejam montanhas.

Um dia, o lado melhor, de todos nós,  
onde se recolhe o melhor do humano,  
nos convoca, em silêncio, a saber  
o quanto fizemos por nós mesmos.

(E não há nada a fazer pelo outro,  
se não fiz por mim mesmo).

E então o nosso brio  
(também em silêncio)  
poderá desabrochar  
– rosa vermelha –  
e corar a nossa face.

Ou talvez, como o lírio branco,  
ficar em paz na verde paisagem  
da vida vivida.

## AGOSTO DE NA OUTRA

*A desgraça faz dos seres o que eles são.*

MAX GALLO

Agosto não findou  
sem cumprir a sua sina.  
Mais uma vez – desgosto –  
cravou a mão na jugular  
mas não quebrou a coluna.

ERGUER-SE:  
eis a verdadeira sina.  
Amputar a cauda de sáurio  
do passado biológico  
e cair de pé: FEITO GENTE.



## UMA FLOR NA OUTRA

A flor de paineira  
(extemporânea)  
desabrochou  
seu antigo gesto.

Você colheu-a  
entregou-me a haste  
do seu silêncio.

Em minhas mãos  
(re)colho uma rosa antiga  
e seu perfume  
de guardados  
e quimeras.



## ORAÇÃO DE NATAL

SENHOR,  
nasce para a família  
que se guardou na alegria  
e tem todos os motivos  
de comemorar mais uma vez.

E renasce para aquela,  
frágil porcelana humana,  
que se quebrou  
e de tão dividida  
não se pode restaurar  
diante da manjedoura.

Renasce dentro do homem  
que diz não ter motivos  
para se alegrar com o Natal  
e sofre – cada vez –  
a dor do Ano Novo.

Renasce dentro de nós  
para que sejas  
o verdadeiro sentido  
e não o vago pretexto  
dessa magna festa  
que nos oferecemos.

Renasce dentro de nós  
e, com ouro, incenso e mirra,  
acorda nossa dimensão humana:  
essa pintura ainda rupestre  
nas paredes das grutas  
de nossa pré-história.

Apaga em nós “a marca de Caim”,  
o terrível legado humano,  
e, em seu lugar, crava teu sinete  
– o selo da fraternidade.

Nasce, principalmente,  
para recompor a criança  
que morreu dentro de nós  
e sem a qual, SENHOR,  
não haverá ESPERANÇA.

## ESCAPE

*A raça humana  
não pode suportar muita realidade.*

T.S. ELIOT

Conheço a distância  
que vai entre o sonho  
e a dura realidade.

E conheço a fórmula  
de amortecer o susto  
e a queda do último piso.

Olhar sem crer lá fora  
esse vidro que corta  
e fechar, atrás de si, a porta.

Plantar, como sempre faço,  
essas flores no paredão do muro  
para deslumbrarem os meus olhos.

E, nessa lente distorcida,  
em que capto a beleza,  
mesmo aquela que não existe,

ficar musgo sobre a rocha  
– véu veludoso verde veludo –,  
cobrindo essa faca que cega o corte.



## CONTRADIÇÃO

O que eu disse  
e não fiz  
te feriu demais.

O que você não disse  
e me fez  
me feriu muito mais.

Será o amor isto?  
Uma verdade de mentira  
ou uma mentira de verdade?



## EXTRALINHAS

Eu tecia em longas linhas  
o fio de minha ternura.  
E ela ia pelos caminhos  
(e descaminhos)  
de Goiás ao Rio,  
de Goiás a Minas,  
(das minas tão pródigas).  
E você, ouvindo palavras  
saltando da linha,  
se esqueceu de ler  
as extralinhas.  
Se esqueceu de ler  
o essencial que era dito  
sem ser escrito.  
E se agarrou para sempre  
no fio desse tecido  
já puído e até cerzido  
dentro de mil e um envelopes.  
Selado e guardado,  
como se não tivesse  
sido ainda aberto,  
permanece o essencial  
dentro do envelope.  
Como em Sherazade  
ficou só a magia

da palavra dita:  
o essencial não foi  
(escrito).

E fiquei, Moisés,  
com o aceno  
à distância:  
uma doçura entrevista,  
terra prometida  
jamais tocada  
mesmo sendo perto.

E fiquei  
cultivando vinhas  
pisando uvas  
preparando vinho  
para a grande festa  
que viria um dia!

## QUESTÃO DE AMIZADE

Era tão clara como o meio-dia.  
Um eclipse solar (imprevisível)  
jogou-lhe um cone de sombras.  
E na penumbra, que eu não via,  
tudo ficou tão claro que doía.



## AINDA A AMIZADE O MESMO TEMA

*Les coeurs de nos amis sont souvent plus  
impénétrables que les coeurs de nos  
ennemis.*

PAUL VALÉRY

Quando consegue ser  
puro cristal  
na sua integridade  
é tudo quanto queremos  
em nossa cristaleira.

Mas, se trinca,  
não há remendo  
nem remédio  
que devolva à peça  
seu antigo esplendor.

Poderá continuar  
sobre a mesa  
ou até oculta  
em nosso armário.

Nossos olhos  
em voluntária cegueira  
tentarão desver a trinca  
de quarenta e cinco graus.

Mas a peça será objeto  
que não se expõe  
em nossa casa íntima  
nos seus dias de festa.



## VARIAÇÃO SOBRE O MESMO TEMA

O ser dissimulado  
é o mais terrível  
da espécie.

O gavião  
é um predador  
implacável.

Mas tem  
a sua dignidade:  
ataca de frente  
e à luz do dia.



## O QUE IMPORTA

Amado meu,  
tudo agora é calmo:  
o mar não explode  
e seguro as suas mãos  
dentro de minha ternura.

Não importa  
o que já foi.  
Importa aquilo  
que está sendo  
aqui e agora.

Mas se lá fora existe  
claro meridiano  
que o divide  
não hesite:  
compro-lhe o bilhete  
da passagem.

O que não desejo  
(nem suporte)  
é o silêncio triste  
da morte antecipada.



## UMA VEZ MAIS

*Os homens a quem se fala não são aqueles  
com quem se conversa.*

ROUSSEAU

Ouçõ o seu discurso  
e o meu passa por você:  
onde nos encontramos?

Toco a sua face,  
sua mão em mim descansa:  
somos dois labirintos.

O faraó de nosso tempo  
construiu pirâmides  
e seus corredores  
de falsas saídas.

E, muito antes deles,  
uma esfinge guardava  
o nosso deserto.

Eu me alegro em saber  
que os tempos são outros:  
o aloés promete florescer.



## FLORAÇÃO ENI DOIS TEMPOS

No deserto de Atacama  
chove depois de dez anos  
uma torrente inesperada.

O deserto vira um jardim  
com duzentas espécies  
de flores diferentes.

Deslumbram-se os olhos  
dos cactos e da terra  
morta de sede e espera.

Calculam os cientistas:  
uma floração assim  
só depois de cem anos.

Meu amigo, eu já lhe disse  
sem ser cientista:  
o coração da gente  
menos exigente  
nem precisa tanto.

Bastam alguns milímetros  
por metro quadrado  
e ele arrebenta em floração.



## MONÓLOGO EM DOIS TEMPOS

### I. BROTO

Planta cheia de cortes  
e podas à revelia,  
quero ser, de vez em quando,  
uns brotos de mim mesma.

### II. REBROTO

Planta cheia de cortes  
e podas à revelia,  
quero ser, nesta alta primavera,  
só rebrotos de mim mesma.



## QUINTOS ESTUDOS

Tradução de António José Pinheiro

É a parte que se cria

com o trabalho

que se cria no mundo.

Hayat um deposit  
em habilitação humana.  
É deposit de dia e noite  
e tem o qual são habitantes  
fora do o mundo humano  
como é o mundo que descobremos.  
Faz o que se cria  
Habitante de terra e de águas  
de jardins e de florestas  
— a parte real que nos sobrevive  
e que sobrevive em todos os tempos  
em todas as partes do mundo  
que nos dá o mundo humano.

### ESTRADA REAL

Não há, sob um céu de estrelas,  
e a sempre parte para  
que se cria no mundo humano  
e da parte que se cria no mundo  
— a parte que sobrevive em todos os tempos  
e que sobrevive em todas as partes do mundo.

Nasce o que brilha apenas para o já;  
para o porvir, só o que é real viverá.

Goethe



## ÚLTIMO FEUDO

Para Sônia e Marlene Stein Fischer

*É a parte que te cabe  
deste latifúndio.*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Haverá um depois:  
essa nebulosa certeza.  
E depois do dia tirano  
sobre o qual não legislamos  
faremos o nosso encontro  
numa dimensão que desconhecemos.  
E sob o luar de abril  
filtrado na fresta das palmas  
do Jardim das Palmeiras  
– mais reais que conhecemos –  
tagarelaremos em algum banco  
ou sobre o próprio latifúndio  
que nos coube neste mundo.  
Não será sobre notas  
ou dependência de alunos.  
Nós três, sob um céu de estrelas,  
e a alegria mais pura,  
riremos de nossas carcaças precárias  
e da antiga angústia humana  
– na posse de nosso estado de graça  
e do maior segredo do mundo.



## ANATOLE – LEÃO DOMADO

Não foi apenas você, amigo,  
que não disse em tempo  
o quanto amava o outro.

Seu pai esperou toda uma vida  
e o amor do filho – tão vasto –  
não explodiu em fala.

Não se culpe, amigo,  
somos assim mesmo:  
guardamos o amor  
dentro do peito a sete chaves.

Erguemos em volta uma cidadela:  
por dentro, garantimos o feudo,  
por fora, circula a fera.

Saímos para a vida  
como (desde sempre) nos ensinaram:  
de guarda sempre fechada.

Amamos o tempo todo, mas isto  
é o nosso segredo de estado.

Se puderem, atravessem nossa crosta  
o próximo e o distante:

perfilamos duros, não nos entregamos  
e estaremos a salvo na superfície.

Você disse aos setenta anos,  
em seu último poema, que era tarde  
para dizer ao pai o quanto o amava.

E lhe pediu perdão pela “terrível omissão”  
como se ela fosse sua e não um legado.  
Saiba que em nome do amor já nos secaram.

Não sabemos em que momento  
da caminhada, o doce animal humano  
cerrou os dentes e se tornou fera.

No entanto, tudo é (des)aprendizagem  
e, se um dia já fomos capazes de ternura,  
saberemos distender os nervos e articulá-la.

Saberemos incluir, no currículo mínimo  
de nossas vidas, a disciplina do amor  
há muito excluída ou negligenciada.

Não é tarde, amigo Anatole,  
leão domado pela vida (e pelos netos)  
para aprender a lição do amor  
no seu canto de cisne tão ferido.

Há uma nova aragem no templo  
e quem sabe já é tempo de aprender  
com o rosto claro de quem renasce  
a conjugar o verbo mais lembrado  
e esquecido de toda a humanidade.

E (quem sabe) de pedir perdão aos que amamos  
por todos os gestos de amor adiados.  
Então seremos mais leves, um corpo glorioso  
saindo das águas  
de um novo Jordão.

Percebo que tenho apenas duas  
reservas no bolso do casaco,  
reservas o pó de talco  
que se acumulou no chão.

Não sei. Não sei. Não sei.  
Foi um trabalho de amor,  
um pouco de amor a mais,  
uma vez a mais na alma.

É foi um amor de amor  
sem pó de talco,  
amor de lágrimas e suor,  
de que foi o pó de talco.

É um olhar sobre tudo  
a vontade de tudo  
a dor de um tempo  
que só revela para mim.

Um projeto de talco,  
reservas o pó de talco  
para sempre e sempre,  
de pó de talco em tempo.



## APOSENTADORIA

Para João Ermandes de Souza

Pensei que fosse apenas isto:  
recolher os papéis da estante,  
remover o pó da história  
que se acumulou no objeto.

Não era. Não foi. Não é.  
Foi um retalhar de carne,  
um aterro sobre o peito,  
uma dor além: na alma.

E foi um ritual de amor:  
limpar o pó devagarinho,  
lavar de lágrimas o temp(l)o  
do que foi e não mais será.

E um olhar sobre tudo  
navegando por dentro  
o fio de um tempo  
que só resvala para trás.

Um prostrar de joelhos  
buscando o pó das frestas  
para apagar o vestígio  
da passagem no tempo.

(E mais: aquele sentimento contrito  
de quem profana uma casa  
depois da morte de seu dono).

Por dentro, lava incandescente,  
a certeza de que esse tempo  
que nos marcou em brasa  
só nos marcou: não marcamos nada.

Por isso alguém passa pelo corredor  
e finge desver quem já não existe.  
Ou, quem sabe, dissimula o contato  
nesse mais duro momento.

Mas houve aquele que veio e viu  
que o fardo não era tão leve.  
E me pousou a mão no ombro  
e, terno, ajudou-me a carregá-lo  
até o cais, até o veleiro branco  
de um mar sem fronteiras.

E houve a que se afastou partida  
para não ver a que se partia.  
E a que emprestou o lenço e a ternura.  
E também esta que resiste entre as frestas  
de um móvel agora vazio  
pronto para outra história.

## SELEÇÃO

Pensei que fosse apenas  
transferir os papéis da estante.  
Era muito mais que isto:  
era transferir a história  
para outro objeto.

Primeiro Maomé foi à montanha  
e a trouxe para casa.  
Depois Sísifo pôs-se a escalá-la  
muito mais de uma semana.

Eram tantas as pedras  
colhidas no caminho  
que a montanha se transferia  
e relutava em se fazer colina.

Fui separando o joio do trigo,  
trigo que não era bem trigo  
e o que sobrou era um farelo:  
bem podia ser lançado ao vento.

Uma tonelada de papiro  
e os hieróglifos mais precisos  
foram alimentar o fogo sagrado  
da purificação semanal.

Eram tão importantes  
os meus papéis guardados  
nem cabiam numa estante  
e agora mal se resolvem  
num punhado.

## ELEGIA PARA CECY

*Parece-me que a vida é algo demasiadamente grande para ser vivido apenas uma vez e ser logo apagado como uma lâmpada, quando o vento sopra.*

M. ZIMMER BRADLEY

Era uma flor de lótus  
– uma nobre singeleza –  
que se erguia de seu caule  
muito acima desse lodo.

Era um doce pássaro  
– alado e preso –  
escapando por seu (en)canto  
pelas frestas de seu mundo.

Era uma menina travessa  
de apenas setenta e seis anos,  
que queria muitas outras vidas  
para secar a sede de viver.

Foi para o céu, mas se quiser,  
certamente há de voltar,  
pois a um pedido seu  
nem mesmo Deus resistirá.

Se não voltar para viver  
outras vidas sem a dor,



E que venha para guardá-la  
(melhor: para fazer-lhe companhia)  
um anjo chamado Beatriz.  
Aquele que trouxe alegria  
e vida, para a vida de Cecy.

A poesia fala à poesia  
e não se dá tempo  
em tanta presença

A poesia chama a  
diversa da vida  
da família,  
em tanta presença  
uma outra presença

A poesia grita  
livre de dentro de si  
mas em uma presença  
e presença  
de um tempo  
sem tempo

---

1 Lótus foi o pseudônimo com que a escritora Cecy Lobo assinou sua obra, então inédita, *Lendas da terra & do céu*. Com ela ganhou, em 1988, o Prêmio Nacional Cora Coralina de Literatura Infantil, da Secretaria de Cultura do Estado de Goiás. Falecida a 1º de fevereiro de 1992, era neta do consagrado escritor mineiro, Arthur Lobo.



## SIGNO DE UM TEMPO

A poesia bate à janela:  
não tenho tempo  
eu tenho pressa!

A poesia chama  
detrás do vidro  
da janela:  
eu tenho pressa  
não tenho tempo!

A poesia grita  
fundo dentro de mim:  
mas eu sou apenas  
a pressa  
de um Tempo  
sem tempo.



## “VAI, AMOR”

Para Cristiane, que conhece  
a dor sem desespero.

“Vai, amor”,  
não leve a minha dor.  
Leve leve o meu amor.

Leve o perfume desse leite  
que ainda não foi desfeito  
e exala pura flor.

Siga, amor, o seu caminho,  
leve leve puro arminho,  
para onde você for.

“Vai, amor”,  
eu bem sei  
você não foi:

vive sua semente  
nesse louro trigo  
nascido de nós dois.

“Vai, amor”,  
você ficou  
no melhor pedaço  
de nós dois.

E, para onde você for,  
não leve o peso

de nossa dor.  
Leve leve  
só o nosso amor.

"VAL AMOR"

1960  
A. J. ...

"Val amor,  
não leve a minha dor,  
Leve leve o meu amor."

Leve o perfume das flores  
que ainda não foi desfeito  
e ainda para mim

Seja amor, e seja sempre,  
leve leve para sempre,  
para onde você for.

"Val amor,"

Leve leve  
você que foi

vive um momento  
mas não importa  
triste de não ter

"Val amor,"

você que  
me trouxe paz  
de coração

Leve leve para sempre,  
para onde você for.

## FRAGILIDADE FRÍGIDA

Para Lêda Selma

A felicidade é frágil teia:  
nela se enredam os fios  
daqueles que amamos.

Rende-se um só fio de seda  
e a delicada renda  
pende no abismo.

Saltarei de dentro da noite,  
como quem procura uma fantasia,  
E vou à procura de quem  
seja mais perto do dia  
do que sou para os seus olhos.

Não leve rodópioles, talvez quechesse um  
ou outro dia mais que o primeiro  
e garra de lenda romana  
"que levava a vida nos dentes".

Tudo isso, o teu espírito  
— pensamento e sentimento —  
surtos e saltos nos olhos e no coração,  
mas não a levanta do pedestal  
sobre o qual debruças-te para a vida.



## POEMA PARA VERIDIANA

A Eli e Álvaro Falanque

*A morte é a curva da estrada,  
Morrer é só não ser visto.*

FERNANDO PESSOA

Partiste como chegaste:  
estrela bailarina  
riscando o céu de verão.

Um dia (de surpresa)  
desataste a posição fetal  
e te abriste (lírio ou lótus)  
para a coreografia da vida.

Saltaste da concha líquida  
em que evoluías marés humanas.  
E com a pressa de quem  
aqui não podia se demorar  
ataste aos pés as sapatilhas.

Nos teus rodopios, todos podiam ver  
teu lado luz mais transparente:  
a garra da linda menina  
“que levava a vida nos dentes”.

Bem cedo, o teu quarto  
– penumbra e arminho –  
tentava subornar teu corpo adolescente,  
mas com a leveza da bailarina  
saltavas bem depressa para a vida.

Todos podiam ver à luz do dia  
teu lado luz mais transparente.  
Mas tu, doce Lua ambígua,  
guardavas em segredo  
o teu lado de sombra —  
mais luz que o meio-dia.

Uma terra só de grandeza  
teu outro lado que ninguém viu:  
essa aurora boreal, sol da meia-noite,  
que em ti se ocultava.

Para revelar tua outra margem,  
perdida entre signos de ternura,  
restam o diário e aquela carta  
onde se busca a flor-menina  
e se colhem frutos maduros  
de sua mente temporã.

Não tomaste tempo para chegar  
e para partires, ave bailarina,  
foste mais discreta ainda:  
mal tiveste tempo  
de desatar as sapatilhas.

Mas nesse curto espaço  
(menos de dezesseis anos)  
tiveste tempo bastante  
para o teu espólio  
de grandeza humana.

Nas tuas páginas, entre signos,  
saltam mensagens, não da menina,  
mas da filósofa-bailarina  
que descobriu muito cedo  
outra coreografia:  
aquela que a alma executa  
quando ensaia um vôo  
bem maior  
que a própria vida.



## RUÍNAS DO VELHO “BOM CONSELHO”

Salas de aula, grande pátio  
capela, clausura, dormitório:

RUÍNAS...

Só sobrou isto?  
São-caetano soterrando  
rezas, cantos, gritos  
de alegria (e dor)  
e um lagarto verde  
cobrando ao sol  
alguma esperança.



## OS IRRACIONAIS

Há dois dias  
o filhote está morto  
e o símio não se convence.

E há mães de nossa espécie  
atirando filhos recém-nascidos  
em fossas, lata de lixo,  
ou ao banquete  
das formigas  
em matagais.

Nós, pobres de nós,  
ficamos animais  
puramente racionais.



## ELEGIA PARA MÁRCIA HELENA

Eras caracol esquivo  
e trazias no teu rosto  
um riso doce-ambíguo  
de tristeza e alegria.

A marca da perfeição  
marcava a linha de tua mão  
e tudo quanto tocavas.

E eras sempre sabedoria serena  
para aqueles que pensavam  
que alguma coisa te ensinavam.

Ostra de mar profundo  
secretavas a pérola  
de teu ser tão vasto  
para tão pequeno mundo.

Hoje partes e te partes  
em duas (ou três) partes,  
e a melhor delas  
– a nacarada esfera –  
rola para outro plano  
além do humano.

Possas lá, noutro oceano,  
sem a dor da ostra  
ser a pérola, apenas.

E engastar-te perfeita  
no triângulo de luz  
de um Deus mais-que-perfeito:  
que não cabe em nós  
mas dentro do qual  
todos nós cabemos.

## DO TAMANHO DO ENIGMA

*a palavra  
sem vida e sintaxe,  
muito mais se exalta  
agora, calada.*

FERNANDO PY

Por que a morte  
tem este estranho poder  
de nos revelar  
o outro lado do ser?

Não era bom,  
(nem mesmo sofrível)  
e só agora vemos  
o que perdemos.

Era um desses supérfluos  
(se não descartáveis)  
mas ficou enorme  
dentro do enigma.

Circulava sua insignificância  
diante de auto-suficiências  
e se fingia que não se via  
e se fingia que nem existia.

Não se sabia  
que um dia  
teria de se admitir  
(em fúnebre silêncio):

ocupou o lugar  
que lhe cabia  
no justo furo  
do parafuso  
e fez o melhor  
que sabia.

## GREGOS E TROIANOS

Não se pode agradar  
a todos completamente:  
“é bom, sofrível,  
ou, até mesmo,  
abaixo da média”.

Raramente uma alma  
generosa (ou iniciada?)  
olha pelo olho mágico  
dentro do reino de Ísis  
e arrisca melhor alvitre.

Não importa:  
se impera a regra  
e jamais a exceção,  
esqueça as notas  
e salte, a cada dia,  
o seu limite.



## ELEGIA PARA ANYZIO DE SOUZA

Já era quase verão,  
mas foi ainda a primavera  
quem te colheu nos dedos  
– suas noventa e uma pétalas.

Não era ainda o verão:  
não era essa a tua estação.  
Foste, como chegaste, na primavera  
sob a “chuva criadeira”,

quando o campo amanhado  
cheio de semente e cio  
sentia o doce roçagar  
dos brotos que explodiam.

Foste, como chegaste, na primavera:  
terra de primeira, puro massapé,  
não merecias outra estação.

Na tua odisséia pela vida  
fizeste o quanto lhe cabia:  
empresas, façanhas, filhos,  
e mais: a (a)ventura da poesia.

Delicada flor de amizade,  
exalavas singela sabedoria

e inundavas o mundo  
de uma grandeza só tua.

Amavas os que Deus te deu  
em laços de carne e de ternura  
e carregando épicas virtudes  
ficavas na fronteira de dois mundos.

Por isso Deus te chamou, goiano-mineiro.  
Ele sabia a vastidão de seus gerais humanos.  
E devia precisar de algum pioneiro  
para povoar de mais grandeza  
o outro mundo.

## AMBIGÜIDADE

Meu lado de luz  
a tudo perdoa.  
Meu lado de sombra  
às vezes revoa.

Peixe de águas turvas  
me leva para o fundo  
puxado na linha  
do submundo.

Então meu outro lado,  
feixe de luz no abismo,  
clareia a fossa marinha  
– escura Mindanau.

E fisga na praia  
de outro milênio  
o peixe cristão  
em piracema  
na alma humana.



## VERDE VEREDA

Muito deleitável. Claráguas,  
fontes, sombreado e sol.

*Guimarães Rosa*



## DESEJO TALENTOS

Alcance do primeiro passo, o segundo processo  
a luz e a palavra, o terceiro, o quarto.

— Paulo Mendes

Seja meu passo

leve rumor

da asa

de um pássaro.

Fique eu só

no meu canto.



## OS DOIS TALENTOS

*No seio da própria noite, o espírito procura  
a luz e o abismo minimiza-se em taça.*

GILBERT DURAND

Deus me deu dois talentos  
e eu não os enterrei:  
multipliquei-os  
com meus dedos ágeis.  
Um, porém, mais  
que o outro se multiplicou  
— era dom de se doar.

Um dia, me negaram o primeiro:  
*não é poetisa; é crítica.*  
Depois, duvidaram do segundo:  
*não é crítica; é poetisa.*  
Finalmente, decretaram:  
*tudo é poesia.*

Em silêncio (que não saibam),  
eu agradeço aos deuses a solução  
que me regressa na graça  
do imaginário remoto:  
esse regime noturno  
sempre casado com a aurora;  
essa taça turva de mística  
na haste de uma espada flava.

Eu agradeço a graça  
da poesia na prosa

— esse crepúsculo —  
bruma de agosto  
engastada na palavra:

que move a bateia  
e sopesa a pedra  
que lhe veio;  
e abre veios (e veias)  
nas lavras de Goiás.

## BRUNO

(recém-nascido)

Neste fim do outono  
que te amadureceu fruto  
cais em nosso regaço  
com teu doce aroma.

E agora, à porta de casa,  
teus olhos azuis-castanhos  
não vêem o grito de primavera  
que lançam as flores de meu muro.

Boiando entre dois mundos,  
teu corpo roda tranquilo  
e não sabes ainda em que porto  
ancoraste o teu frágil barco.

E antes que um pássaro te acorde  
e te chame para a vida,  
flutuarás por muito tempo ainda,  
não sabes bem, se no ventre ou no regaço.

E ficarás, nessas léguas líquidas,  
navegando em teu letargo  
– bichinho morno, coisa mais que viva –  
antes que um pássaro te acorde para a vida.

E então, antes que te tornes menino,  
serás também um pássaro  
– pura pluma e alegria –  
gorjeando em nossa vida.



## RECRIAÇÃO

Do outro lado  
de minha janela translúcida,  
explode em buquês  
a minha trepadeira em flor.

Vejo o verde-rosa transfigurado  
na lente deformadora  
do vidro canelado:  
vejo a pura luz baça da poesia

na confusão de buquês  
rebeldes à ordenação  
que só existe lá fora  
no paredão do muro.

Fico com essa metáfora de flores  
na prisão de meus olhos.  
Lá fora, ela existe no concreto;  
aqui dentro, eu lhe sopro existência.

Não aquela que salta pelo muro  
e se alça em buquê e verdade,  
mas esta – assomo de beleza única –  
que recriou os meus olhos.



## ESPERANÇA

*O aloés que floresce  
uma vez cada cem anos  
teria florescido duas vezes.*

VIRGINIA WOOLF

O aloés floresce  
uma só vez  
cada cem anos.

O aloés que nasceu  
no meu deserto  
não floresceu, ainda.

Esperarei tranqüila  
a gestação das flores  
e seu parto perfumado.

Esperarei cem anos  
para um dia só  
deslumbrar meus olhos.



## NA ESTÂNCIA DO SONHO

Não há como traduzir  
a beleza desse instante:  
canto de pássaros, de bica d'água,  
chuva pingando pispingando  
nesse vão de claridade  
entre a folhagem do arvoredor.

Galhos de buganvília pendem  
pesados desse peso pluvial  
acumulado durante o sono  
de pétalas púrpuras  
que ferem a luz do dia.

E tudo mais é belo:  
periquitos estridentes  
reinando no meu reino,  
a pastagem distante  
e esse concerto de pássaro  
aninhado em meus ouvidos.

E mais: essa estalactite fugaz  
que pende dos beirais do instante  
chocando este momento único  
que não se repetirá jamais.



## AVE, EGIDIO

Para Egidio Turchi, no seu  
jubileu de magistério.

Na sala ao lado,  
(grave e terno)  
um general romano  
amplia outro domínio  
onde o Sol jamais se esconde.

Com giz e humanidade(s)  
traça, na cabeça dos alunos,  
o círculo que se expande  
sem Muralha Serviana.

Saltou o Tibre,  
as Sete Colinas de Roma  
e atravessou o oceano.  
Aqui fundou o seu império  
e plantou seu Arco de Constantino.

Há cinqüenta anos  
seus pés caminham  
por lições de vida  
no mesmo passo  
das legiões de Roma.

Há cinqüenta anos  
sua voz solene  
transita e fica



Dizem que foi,  
há muito tempo, um tuiuiú.  
Mas não será, por acaso,  
o puro canto  
de um uirapuru  
a silenciar de encanto  
nossa selva humana?

Ele é tudo isso  
e é também Dioniso,  
bebendo ávido  
o vinho da vida  
e dividindo, sempre,  
a vasta vindima  
de sua alegria  
com uma legião  
de amigos.



## FESTA INTERIOR

Ontem eu fiz uma festa.  
Ou melhor, a festa (a rigor)  
não foi minha.  
Mas foi tão bom, Senhor,  
criar os meios  
para que os outros  
e os meus também  
fossem felizes  
nesse dia.



## LUA ETERNA

Para Marcel Garrote

*eu vejo a lua trêmula e divina  
que pálida irisa  
a paisagem da noite escura.*

SAFO

Uma taça azul transparente  
cai de borco sobre a terra  
e uma moeda de prata flutua solta  
em meio à luz mais diluída.

Tudo se banha  
desse véu de luz filtrada  
a cair tão leve sobre a terra.  
E tudo é tão mágico  
tão brando e etéreo  
e tudo flutua e nós flutuamos  
como se a nos prender  
não houvesse nada.

Ensaíamos na Terra  
passos de Armstrong  
sem deixar marcas;  
perdemos o peso  
e a nossa (dens)idade.  
A Lua nos anula e atrai  
em seus fios de seda  
e gravitamos em torno dela.

E assim levitamos  
e temos o coração doce

e doce é o nosso amado;  
nada nos lembra a guerra  
que travamos em nossa esfera.

Esquecida de atrair,  
a Terra se deixa levar  
no curso dessas marés remotas  
que se sublevam nas entranhas.

Por meus olhos fascinados  
entra a arqueologia do lírico  
perdida nas cavernas  
da noite mais escura do tempo.

Sou um homem da caverna  
pesando menos que uma pluma.  
Estou preso a um círculo mágico  
mesmo na aurora do ano dois mil.

## DONA MARIA (DE FRANÇA) OU D. MARIINHA

(Por seus oitenta anos de juventude)

Há certas mulheres  
que desabrocharam  
(flor-de-lis)  
em plena República  
e continuaram rainhas.

Não certamente daquelas  
que reúnem um séquito  
para seu império de vontade.

Mas mulheres que têm porte,  
garra, delicadeza de alma,  
e a vastidão de um reino interior  
que é a sua pura realeza.

Mulheres que lembram  
a obstinação soberana  
de Catarina da Rússia  
ou mesmo a alma pia  
de Isabel de Espanha.

Destas, conheço uma  
– Maria Antônia França  
(ou de França?) Gonçalves –

cujo nome lembra  
antropônimo de rainha.

Mas às vezes, por modéstia,  
assume um hipocorístico  
e se converte em Mariinha.

Mesmo assim somos seus súditos  
espalhados por um reino  
perdido nessas léguas humanas  
da mais pura amizade.

Ela continuará rainha  
– majestade não lhe falta –  
mesmo sendo D. Maria França  
ou, simplesmente, D. Mariinha.

## CELEBRAÇÃO

Eu celebro este instante:  
no meio de tanta aridez  
a ternura ainda é possível.

Celebro coisas tão pequenas  
e tão essenciais à minha vida:  
o riso de minhas filhas,

a alegria de meus netos  
espalhada com brinquedos  
pelos cantos da casa.

E celebro a fidelidade  
(não sei outro jeito de ser)  
que sempre dou aos que amo.

Mas celebro duplamente  
se me dão de troco  
a mesma rara moeda.



## A QUE NUNCA SUBTRAI

MÃE: aquela que se parte  
e se re-par-te sempre  
e sempre se multiplica  
porque sempre soma.

trajando a vida para a existência  
e levantando o mundo a cada dia  
repleto de vida e água  
para todos os dias.

Uma vida e sempre (e sempre)  
— (em vida e água)  
e as crianças sempre sempre  
com a vida de seu mundo.

É sempre que não se  
— sempre para sempre —  
e sempre e sempre  
e sempre e sempre  
e sempre e sempre e sempre

repleto de vida e água  
para todos os dias  
e sempre e sempre e sempre



## POEMA REESCRITO

Areia e água: a matéria  
de que fabricamos nossos sonhos.

Nas praias que inventamos,  
traçamos nossa aérea arquitetura  
e levantamos nossos castelos  
respingando areia e água  
pela ponta dos dedos.

Levantamos nossas fortalezas  
(em areia e água)  
e as contemplamos inexpugnáveis  
com a ternura de um menino.

E mesmo que um pé  
– passante pela praia –  
esmague o nosso burgo  
e reduza a pó  
vestígios de nosso sonho,  
repetimos o gesto menino:

respingando areia e água  
pela ponta dos dedos  
outra vez reconstruímos.



## OFERENDA

Antúrios e angélicas  
e o extenso branco  
da toalha na mesa.

Sobre a taça  
o arranjo floral  
de mão oriental.

Alçando sobre tudo  
a fragrância,  
a fragrância...  
e a minha SURPRESA.

Esta noite  
de autógrafos  
não teria flores.

Quem depôs no linho  
da extensa mesa  
o incenso bíblico da angélica  
– amizade que nascia?

Quem expôs, em ikebana,  
sua alma delicada,  
pura porcelana,  
doce aroma e oferenda?

Abro o envelope.

Meu Deus, ainda existe:

Adelina

Adelina

Adelinda!

## SAMARITANA DO VENTO

Não é só o discurso:  
você é uma mulher bíblica  
com seu cântaro de virtudes  
matando a sede dos homens.

Quem a viu no poço de Jacó  
e pôde provar da água  
no côncavo de sua mão,  
provou a água devida.

Quem viu a paz no seu rosto,  
depois de se curar de feridas,  
sabe que nasceu na Galiléia  
entre os lírios do campo.

Sua alma é como esses lírios:  
ungiu-se de tanta beleza  
que nem Salomão, em sua grandeza,  
vestiu-se com tal esplendor.



## MENSAGEIROS DO VENTO

Minha amiga,  
tenho uma revoada  
de pássaros  
presa ao portal  
de minha casa íntima.

Se o vento vem  
suave soprando,  
ela soa um tilintar  
de tão leves sonidos,  
copos de fadas  
brindando  
(a)os meus ouvidos.

Nesses instantes,  
lanço fora o peso  
da pedra do dia  
e meu coração  
brando de alegria  
ouve só notas  
no puro cristal  
da amizade.



## NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Nascida na Fazenda Nova Aurora, à época distrito de Itarumã, município de Jataí, no estado de Goiás. Mestre em Teoria Literária. Professora Adjunta (aposentada) do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás, onde lecionou Língua Portuguesa, Teoria Literária e Literatura Brasileira nos cursos de graduação em Letras. É poetisa, ensaísta e crítica literária. Foi a primeira coordenadora dos *Cadernos de Letras* da UFG, hoje extintos, mas que divulgavam, à sua época, as produções das diversas áreas de pesquisa do então Departamento de Letras; foi membro da comissão editorial e colaboradora da revista *Signótica*, do Mestrado em Letras e Lingüística da UFG; colaboradora, membro da comissão editorial e, depois, editora de *Letras em Revista*, do mesmo Departamento. Dedicou trinta anos de sua vida ao ensino, nos quatro níveis, e encerrou sua carreira no magistério superior ministrando Teoria do Poema na pós-graduação em Letras e Lingüística da UFG. A par de suas publicações em livros, vem assinando ensaios e artigos de crítica literária em jornais e algumas revistas especializadas do país, entre as quais *Linguagem*, do Rio de Janeiro, *Letras de Hoje*, da PUC-RS e, mais recentemente, *Investigações*, do curso de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Pernambuco, *Encontro*, Revista do Gabinete Português de

Leitura, de Pernambuco, e *Boletim*, do Centro de Estudos Portugueses, da Universidade Federal de Minas Gerais. Detém, por seu trabalho intelectual, prêmios, diplomas, medalhas e troféus.

## OBRAS NAS SEGUINTE ÁREAS:

### DIDÁTICA

*Composição programada* (três volumes). São Paulo: Editora do Brasil, 1970.

### POÉTICA

*Vôo cego*. Goiânia: Editora da UFG, 1980. Troféu "A enxada", Prêmio Estadual Cora Coralina, 1981, da União Brasileira de Escritores, seção de Goiás.

*O risco das palavras* (inédito). Finalista da I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1982.

*Amaro mar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. Prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do Livro-1987 e Prêmio Especial para Autor Goiano, na I Bienal Ímpar de Poesia Estância Itanhangá, 1987.

### CRÍTICA

*O poema do poema em Gilberto Mendonça Teles*. Rio de Janeiro: Presença, 1984.

*Literatura contemporânea: GMT – o regresso às origens*. Porto Alegre: Livraria Editora Acadêmica, 1987.

*A obra poética de Afonso Félix de Sousa: dois estudos*. Goiânia: CEGRAF, 1991.

*Hidrografia lírica de Goiás I*. Goiânia: Ed. da UFG, 1996. Medalha Conceição Fagundes, da UBE do Rio de Janeiro, no mesmo ano, por ocasião do 38º aniversário da entidade, e

Prêmio Hors Concours de Crítica Literária Alejandro Cabassa, 1987, da referida instituição.

*Lavra dos goiases*: Gilberto e Miguel. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico, 1997. Prêmio Bolsa de Publicações Cora Coralina, 1996.

*Lavra dos goiases II*: Afonso Félix de Sousa. Goiânia: Cãnone Editorial, 2000.

*Lavra dos goiases III*: Leodegária de Jesus. No prelo da Cãnone Editorial.

E ainda:

*Antologia do conto goiano I – dos anos dez aos sessenta* (organização em parceria com Vera M. Tietzmann Silva). Goiânia: Ed. da UFG, 1992.



Título: *Ínvio lado*

Formato fechado: 13,5 x 19,5cm

Mancha gráfica: 9 x 16 cm c/nº

Tipologia: Times New Roman 8, 10, 11, 14, e 18pt.

Papel: Pólen soft 80g (miolo)

Cartão Supremo, 240g (capa)

Filme: IBF-Graphix UR (capa e miolo)

Chapa: N2000 - Negative Offset Plate (miolo)

Tinta: Preto Supercor e Escala TRI 180229A (miolo)

Escala Europa Supercor (capa)

Corte: Krause Wohlenberg A107

Fotoligráfica: Skay Sec 5060

Fotogravação: Skay

Processadora de filme: Multiline 66B

Impressão: Roland Practica PR01

Dobra: Stahl Tremat F52-2

Costura: Brehmer Leipzig

Tiragem: 700 exemplares



CENTRO EDITORIAL E GRÁFICO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Campus Samambaia - Caixa Postal 131

Fones: (0xx62) 821-1107 - Fax (0xx62) 205-1015

[cegraf@cegraf.ufg.br](mailto:cegraf@cegraf.ufg.br)

[www.cegraf.ufg.br](http://www.cegraf.ufg.br)

CEP 74 001-970 - Goiânia - Goiás - Brasil

2000



.....

respeito ao mistério dos seres e dos entes, em favor da esperança e da vida, num mundo axiologicamente desnordeado. É por esse caminho que, estrategicamente, a voz poética afirma uma identidade que é mulher, uma identidade-mulher, como condensadora e irradiadora de valores. Nesta finalidade, a autora mobiliza um vasto leque de saber e de sabedoria, no texto e no paratexto.

No corpo dos poemas, circulam mitos pré-cristãos, lendas medievais, enfim todo um passado dialeticamente ativado contra a sombra que caiu sobre as mulheres-testemunhas que suspeitamos serem a *anima* dos Peregrinos de nossa Terra, desde que os Faraós de todas as caras e de todas as épocas se deram por missão espoliar, oprimir, castrar, desfigurar o mar/amar em morte física ou espiritual. Essa segunda visão do mundo (passado e presente entrelaçados), na qual a mulher que jaz em todos nós é pressionada até suas últimas trincheiras, corresponde à tonalidade menor de Darcy Denófrío. Mas ela também toca a sua música poética em outra tonalidade, aquela que nos parece encarnar forças de resistência de diversas espécies: canto, dança, viola (extraída de *in-violado*), vôo de pássaro, desabrochar de flores, perfume, nascimento, olhar maravilhado diante das realidades mais tênues, festejos, reuniões de família e de amigos, mitos redivivos; indomável aspiração à transparência e à sinceridade, silhuetas de corpo-alma, de corpos gloriosos aliviados de todo peso, de toda vicissitude, de toda precariedade, atravessam essa poesia do começo até o fim. Sabemos que uma tal harmonia dos contrários é o passaporte do imaginário pelo qual se identifica o poético: é a marca da grande poesia. Goiás é uma terra abençoada pelas Musas. E Darcy França Denófrío demonstra ser um autêntico produto dessa terra, com *Invio lado*.

Sébastien Joachim

É do outro lado  
(do mistério)  
que não alcançamos  
que a flor explode  
em toda sua grandeza.

É lá que se contorceu  
e guardou a sua história  
e sangrou as suas gotas  
e a solidão que (sobre)carrega.

Quem olha uma flor  
ou um ser desabrochado  
vê um prisma (feio ou lindo)  
jamais o seu lado  
inviolado.

ISBN 85-7274-156-9



9 788572 741569